



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE MÉTODOS E TÉCNICAS – MTC

**O HIPERTEXTO COMO ESTRATÉGIA
PEDAGÓGICA NO CONTEXTO DA GEOGRAFIA**

AILIM OLIVEIRA BRAZ SILVA

BRASÍLIA – DF
2011

AILIM OLIVEIRA BRAZ SILVA

**O HIPERTEXTO COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO DA
GEOGRAFIA**

**Brasília – DF
2011**

AILIM OLIVEIRA BRAZ SILVA

**O HIPERTEXTO COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO DA
GEOGRAFIA**

Trabalho final de curso apresentado à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação, da Universidade de Brasília - UnB, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientador (a): prof.^a Dr.^a Angela Alvares Correia Dias.

**Brasília – DF
2011**



Trabalho final de curso de autoria de Ailim Oliveira Braz Silva, intitulada “O HIPERTEXTO COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO DA GEOGRAFIA”, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade de Brasília - UnB, em julho de 2011, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Prof.^a Dr.^a Angela Alvares Correia Dias

Prof. Me. Antônio Fávero Sobrinho

Prof.^a Ma. Cristina Maria Costa Leite

Brasília – DF
2011

A meus pais e irmãos, pelo esforço, empenho, dedicação e força empenhados a meu favor mesmo nos momentos mais difíceis; aos professores que desde a mais tenra idade até os dias de hoje acreditaram em mim, dando apoio e incentivando minhas escolhas e decisões; e aos amigos que, nestes últimos sete anos, compartilharam comigo momentos inesquecíveis de experiências, aventuras e descobertas frente à vida, à comunicação e, principalmente, frente à educação.

AGRADECIMENTO

A Deus, pois sem Ele nada disso teria sido possível e, mesmo se o fosse, certamente não me haveria restado forças, empenho e esperanças ao longo desta eterna caminhada.

À professora Angela Correia Dias, pela orientação e motivação ao longo deste trabalho e que, logo no segundo semestre, durante as aulas de Práticas Mediáticas na Educação, lançou as sementes do hipertexto sobre nós. Sementes essas que, agora, já brotadas, me levam à descoberta de quase infinitas possibilidades de pesquisas na área da hipertextualidade, comunicação e educação.

À professora Cristina Maria Costa Leite que, desde os primeiros semestres na UnB, me revelou uma nova geografia e que o amor pela profissão, seja ela qual for, é o que nos torna bons naquilo que nos propomos fazer, constituindo nosso diferencial.

Às amigas Mariana Bárbara, pela eterna amizade, companheirismo e disposição; e Laís Braz, a qual acompanhei nas madrugadas de insônia em que realizava sua monografia e que, agora, fizeste muito mais que isso em relação a mim.

Às professoras Rosane Barros e Rosilene Barreto, que me ensinaram muito durante o estágio obrigatório na Escola Classe n. 2 do Guará, assim como aos alunos de suas turmas, os quais tive a oportunidade de conhecer e conviver ao longo de quase um ano.

Aos funcionários da secretaria da Faculdade de Educação que sempre estiveram prontos a nos atender e nos aconselhar diante das decisões curriculares e acadêmicas.

E a todos os demais amigos e professores que me acompanharam ao longo desta estada na UnB, despertando conhecimentos e aprendizagens, inspirando-me o gosto pela educação e pelo espaço acadêmico; e motivando-me em práticas sociais e políticas mais conscientes e responsáveis, rumo a um mundo perfeito – o qual sempre almejamos e dificilmente alcançaremos, mas pelo qual, certamente, continuaremos a lutar, seja como pedagogos, seja como meros cidadãos.

“A mini-sociedade que é a escola não pode se pensar totalmente fora das evoluções do conjunto da sociedade” (Jacquinot-Delaunay)

“Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana” (Bakhtin)

SUMÁRIO

RESUMO	9
ABSTRACT	10
APRESENTAÇÃO	11
1. METODOLOGIA	13
1.1. OBJETIVO GERAL	14
1.2. OBJETIVO ESPECÍFICO	14
1.3. PERGUNTAS NORTEADORAS	14
1.4. AMBIENTE E SUJEITOS DA PESQUISA	14
2. MEMORIAL EDUCATIVO	16
2.1. AS SÉRIES INICIAIS	16
2.2. DA INFÂNCIA AO INÍCIO DA ADOLESCÊNCIA	18
2.3. ENSINO MÉDIO: UMA ETAPA DE DECISÕES	20
2.4. ENSINO SUPERIOR	22
2.5. PERSPECTIVAS FUTURAS	23
3. MÍDIA, EDUCAÇÃO E HIPERTEXTUALIDADE	24
3.1. AFINAL, O QUE É HIPERTEXTO?.....	26
3.2. O HIPERTEXTO COMO EVENTO COMUNICACIONAL	29
3.3. CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS	31
4. GEOGRAFIA E HIPERTEXTO – RELAÇÕES POSSÍVEIS	38
4.1. DA GEOGRAFIA TRADICIONAL À GEOGRAFIA CRÍTICA: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA	38
4.2. APROXIMAÇÕES ENTRE A GEOGRAFIA E O HIPERTEXTO	40
4.3. A HIPERTEXTUALIDADE SEGUNDO OS PCN	42
5. GEOGRAFIA NA ESCOLA: COMO E ONDE ESTÁ O HIPERTEXTO?.....	45
5.1. O OBJETO DE ESTUDO	45
5.2. RECURSOS PEDAGÓGICOS E HIPERTEXTUAIS OBSERVÁVEIS	48
5.3. OS RECURSOS TECNOLÓGICOS	49
5.4. NEM SÓ DE TECNOLOGIAS VIVE O HIPERTEXTO	51
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	58
ANEXO	61

RESUMO

O presente trabalho busca apresentar a importância do hipertexto como estratégia pedagógica no processo ensino-aprendizagem em Geografia. Trata-se de um estudo de caso fundamentado na concepção pedagógica sócio-culturalista e no referencial teórico metodológico bakhtiniano. Adotou-se para este estudo a definição de hipertexto como um evento comunicacional caracterizado pela interatividade, intertextualidade, interdisciplinaridade, multilinearidade, heterogeneidade, dialogismo e polifonia. Sua realização consistiu na observação e análise da prática pedagógica de duas professoras da rede pública de ensino do Distrito Federal, em turmas do quarto e quinto anos do Ensino Fundamental. O estudo revelou que a utilização de recursos digitais e tecnológicos como promotores da hipertextualidade ainda ocorre de forma limitada e infrequente nas salas de aula, por motivos diversos. Porém, percebe-se que os educadores fazem referências indiretas a eles em sua prática docente, por meio do resgate de notícias, sites, filmes, músicas (aqui configurados como bens culturais comunicacionais) e outros elementos observados na realidade vivida pelo aluno, de maneira dialógica e hipertextual.

Palavras-chave: Hipertexto, Geografia, Educação, Tecnologias, Dialogismo.

ABSTRACT

This study aims to the importance of hypertext as a way to promote the teaching and learning of Geography. It is based on socio-cultural pedagogical concepts and the Bakhtinian theoretical and methodological framework. The definition of hypertext was adopted as a communicative event characterized by interactivity, intertextuality, interdisciplinarity, multilinearity, heterogeneity, dialogism and polyphony. The study consists of the observation and analysis of two teachers from public schools in the Federal District, in classes of fourth and fifth grades of elementary school. It revealed that the use of digital resources and technology as promoters of hypertextuality is still limited and infrequent in the classrooms for various reasons. However, educators refer to them indirectly while teaching by bringing news, websites, movies, music (here seen as cultural communication) and other elements, that are experienced by the student in reality, to the classroom in a dialogical and hypertexted way.

Keywords: Hypertext, Geography, Education, Technology, Dialogism.

APRESENTAÇÃO

Conforme afirmam Dias e Moura (2007, p. 2), “os novos aparatos tecnológicos exercem implicações diretas em todos os campos da vida humana”, fazendo-se necessário “refletir acerca das novas tecnologias como afirmação do ser humano, como uma possibilidade de expressão individual da subjetividade, como uma possibilidade de significação”. E se esses aparatos estão presentes, hoje, em todos os lugares e usados para os mais diversos fins, a escola, enquanto espaço de vivência, aprendizagem e socialização, não poderia ficar alheia.

É na escola, afinal, que a criança se prepara para a vida. É neste espaço que ela tem o primeiro contato com o conhecimento formal, amplia sua capacidade de comunicação e estabelece significados para os inúmeros signos que nos circundam. Por esse motivo, para cumprir o papel educativo a escola deve, antes de tudo, ser um espaço facilitador. E, nesse sentido, favorecer o acesso do educando a uma gama de ferramentas e recursos que lhe possibilitem uma aprendizagem harmônica e significativa.

Portanto, no ambiente escolar, o uso de diferentes linguagens (sonoras, visuais, digitais, dentre outras) e mídias (televisão, rádio, computador, internet, etc.), caracterizadas como textos, deve ser articulado de modo a promover o fenômeno da polifonia, privilegiando a intertextualidade e, conseqüentemente, a construção de significados.

Trata-se da hipertextualidade. Fenômeno comumente associado à ideia de links interligados no meio eletrônico, mas que, muito além disso, significa a busca constante por alternativas facilitadoras do processo ensino-aprendizagem.

Nas próximas páginas, discutiremos sobre a temática “Hipertexto”, relacionando-a a disciplina de Geografia. Trata-se de um estudo teórico-reflexivo, fundamentado no estudo de caso de duas turmas (uma do 4º e outra do 5º ano do Ensino Fundamental) de uma escola da rede pública de ensino do Distrito Federal. Nesse sentido, buscou-se verificar a importância do desenvolvimento de uma educação hipertextual para a construção de conhecimentos pela criança, principalmente no tocante aos conteúdos escolares da Geografia.

A escolha por esta área do conhecimento deveu-se ao objetivo de aproveitar, aprofundar e dar continuidade a estudos anteriores que vinham sendo realizados ao longo da disciplina “Ensino de Geografia”; de duas fases do Projeto 3, no qual estudou-se a temática “Identidade, Território e Paisagem”, além das duas fases do Projeto 4, no qual, ao longo do período de estágio supervisionado obrigatório, tentou-se observar a prática pedagógica referente ao processo ensino-aprendizagem em Geografia.

Após o detalhamento da metodologia empregada neste trabalho, apresento meu memorial educativo, no qual descrevo parte de minha vida escolar, desde as séries iniciais até o último semestre de estudo na Universidade de Brasília (UnB), bem como minhas perspectivas futuras. Nesta parte do trabalho, dou espaço a um sujeito empírico, focando em minhas experiências, impressões e sentimentos pessoais.

Em um segundo momento, dou lugar a um sujeito epistêmico, apresentando os fundamentos teóricos norteadores da pesquisa. Primeiramente, tentei apresentar uma aproximação entre a mídia, a educação e a hipertextualidade. Em seguida, partindo da definição do termo “hipertexto”, realizo um resgate histórico no intuito de apresentar a origem, a utilização e o desenvolvimento da ideia de hipertexto, focando, a seguir, na definição bakhtiniana do termo.

Fundamentado na concepção pedagógica sócio-culturalista, o trabalho reserva espaço, ainda, na terceira parte do capítulo três, para aclarar o entendimento dessa corrente, buscando realçar aspectos hipertextuais presentes nas práticas pedagógicas de autores referenciais.

O quarto capítulo do trabalho é destinado exclusivamente para a explanação acerca da Geografia e as possíveis relações com o hipertexto. Neste sentido, apresentamos uma breve descrição histórica que nos leva da Geografia Tradicional à Geografia Crítica; destacamos recomendações, de diferentes autores, para uma prática pedagógica hipertextual no processo ensino-aprendizagem de Geografia, além de apresentar algumas das sugestões contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o alcance de tais objetivos.

Finalmente, na quinta parte deste trabalho, apresentamos a parte prática da pesquisa, identificando as ferramentas hipertextuais existentes no ambiente escolar analisado; e, descrevendo as práticas pedagógicas desenvolvidas pelas professoras, apontamos os pontos altos e baixos quanto à utilização do hipertexto.

Como anexo trazemos, ainda, a íntegra das anotações e observações realizadas na Escola Classe n. 2 do Guará nos períodos de 08/10 a 03/12/2010 e de 01/04 a 29/06/2011.

1. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento geral deste trabalho optou-se, como metodologia, pela observação participante. Neste processo, “o pesquisador se insere no grupo pesquisado, participando de todas as suas atividades, ou seja, ele acompanha e vive (com maior ou menor intensidade) a situação concreta que abriga o objeto de sua investigação” (PERUZZO, 2011, p. 133-134).

Ainda segundo esta autora, é importante destacar que durante este tipo de observação o pesquisador não “se confunde”, ou não se deixa passar por membro do grupo, atendo-se ao seu papel de observar. Nesse sentido, mantém-se autônomo, de modo que o grupo ou qualquer outro elemento do ambiente observado não interfira na pesquisa, “no que se refere à formulação dos objetivos e às demais fases do projeto, nem no tipo de informações registradas e nas interpretações dadas ao que foi observado” (PERUZZO, 2011, p. 134).

A observação participante teve sua origem em estudos etnográficos desenvolvidos por antropólogos. Durante seus estudos, eles perceberam que muitas informações sobre a vida dos povos não podiam “ser quantificadas e precisavam ser interpretadas de forma muito mais ampla que circunscrita ao simples dado objetivo” (TRIVIÑOS apud PERUZZO, 2011, p. 134).

Assim, a pesquisa quantitativa, baseada na concepção positivista, aos poucos foi sendo complementada – e em alguns casos substituída – pela pesquisa qualitativa. Esta, por sua vez, baseada na dialética e em enfoques teóricos, passou a utilizar de novas metodologias para compreender e analisar a realidade.

Nesta abordagem, os dados coletados são predominantemente descritivos, focando-se no processo, mais do que no produto. Assim, a atenção do pesquisador volta-se para a vida dos sujeitos observados e para o significado que eles dão às coisas, ao passo que a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo (LÜDKE; ANDRÉ; 1986, p. 11).

Este trabalho inscreve-se, portanto, numa abordagem qualitativa, no qual o ambiente natural foi utilizado como fonte direta para a coleta de informações, as quais foram registradas cotidianamente, descrevendo-se as ações realizadas pelo pesquisador e pelos pesquisados, no intuito de constituir e atender aos objetivos desse trabalho.

1.1. OBJETIVOS GERAIS

Identificar, analisar e descrever a importância do hipertexto no ensino de Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental; e, de forma mais ampla e genérica, a importância da hipertextualidade no processo ensino-aprendizagem.

1.2. OBJETIVOS ESPECIFICOS

Analisar a importância do hipertexto, como evento comunicacional, no processo ensino-aprendizagem e como facilitador do entendimento sobre a Geografia; identificar como e se a hipertextualidade está inserida no ambiente escolar; levantar e propor técnicas e procedimentos que privilegiem a educação hipertextual no ensino de geografia.

1.3. PERGUNTAS NORTEADORAS

- Como os professores têm trabalhado a Geografia na escola?
- Os professores têm trabalhado de modo a promover uma educação hipertextual?
- Como o hipertexto, na perspectiva bakhtiniana, pode contribuir para o ensino nas séries iniciais?
- O hipertexto está presente nas práticas educativas dos professores e, mais especificamente, no ensino de Geografia para as séries iniciais?
- Como os recursos comunicacionais (rádio, TV, internet, CD, DVD, revistas, jornais, entre outros) têm sido usados em sala de aula e como poderiam ser melhor utilizados para facilitar e despertar a multiplicidade de olhares, contribuindo para a aprendizagem do aluno?

1.4. AMBIENTE E SUJEITOS DA PESQUISA¹

A escolha pela Escola Classe n.º2 do Guará 1 para a realização da pesquisa levou em consideração a proximidade da mesma com a residência do pesquisador. Além disso, também foi considerado no momento desta escolha o fato de a instituição ser razoavelmente pequena e, mesmo assim, compreender todas as séries do Ensino Fundamental inicial (do segundo ao

¹ A definição mais detalhada do ambiente e dos sujeitos da pesquisa está no tópico “5.1. O objeto de estudo”, na página 45.

quinto ano da Educação Básica), o que constituiria um maior e melhor campo de observação e análise.

Sendo assim, para a realização da pesquisa, o pesquisador esteve presente na instituição geralmente às segundas, quartas e sextas-feiras, nos períodos de 08/10 a 03/12/2010 e de 01/04 a 29/06/2011, realizando o total de 200 horas de observação participativa.

2. MEMORIAL EDUCATIVO

2.1. AS SÉRIES INICIAIS

O gosto pela escola, desde cedo, foi uma realidade em minha vida. Sendo o quarto dos seis filhos de meus pais, nasci em Brasília, no ano de 1987, indo morar na cidade de Alexânia, no Goiás, a partir de meus dois anos de idade. Lá permaneci até os 17 anos, quando conclui o Ensino Médio e, finalmente, voltei para a capital do país no intuito de prosseguir os estudos superiores.

Durante a infância, cresci a invejar meus irmãos indo para a escola. Aquilo, para mim, parecia maravilhoso. Um ritual ou algo, ao menos, muito especial e intrigante. Afinal, como era uma escola? O que acontecia lá? Quanto tempo eu deveria esperar até que pudesse, também, passar a frequentar a escola de meus irmãos?

Todos os dias, eles almoçavam, se arrumavam, pegavam seus materiais e partiam. Voltavam cansados, mas cheios de novidades. Além dos relatos do dia, traziam novas atividades, recadinhos da professora, cadernos enfeitados e livros cheios de atividades para fazer. Sem falar dos colegas de meus irmãos que, vez ou outra, iam fazer trabalhos em grupo em minha casa e enchiam de mimos a mim e a meus irmãos mais novos. Como era bom!

Enquanto ainda não tinha idade para ir à escola, tentava trazê-la até mim. Brincar de escolinha era um dos meus passatempos preferidos. E, mais tarde, quando passei a acompanhar meus irmãos em algumas atividades extracurriculares, parecia ter encontrado o céu. Mal sabia eu que um dia a brincadeira poderia vir a se tornar minha profissão. E, em meio às estantes de livros que meu pai mantinha em casa, fui crescendo completando minha fantasia sobre a escola com o gosto de estar entre os livros já naquela época, pelo menos a folheá-los.

No ano em que completaria cinco anos, fui matriculado no Educandário São José. A escola, de princípios católicos, era mantida por um grupo de freiras e tornou-se uma referência na cidade. Iniciei no Jardim III. A professora chamava-se Eliane. Tinha cabelos claros e cacheados e não demorou a cativar todos os alunos. Além de carinhosa e atenciosa, despertou ainda mais nosso encanto pelos estudos. Digo “nosso” porque, de fato, eu e todos os meus colegas daquela época fomos excelentemente alfabetizados, educados e bem

recebidos por aquela professora que, lembrada com carinho e admiração, ainda hoje, quando eventualmente nos encontramos, demonstra-nos um apreço recíproco.

Estudei no Educandário São José – mais conhecido como Colégio das Irmãs – até concluir a Pré-Alfabetização. Não lembro muito bem os motivos, mas, na época, as freiras dirigentes da escola foram remanejadas para Brasília, o que levou ao fechamento da instituição.

O fato foi lamentado por todos. Principalmente pelos alunos que permaneceram mais tempo naquela escola, como os meus irmãos. De todo modo, soubemos aproveitar bastante os momentos vividos nas salas de aula; na capela onde, além das missas, celebravam-se as apresentações festivas e realizavam-se as formaturas; no parquinho arborizado, acompanhados da jovem irmã Perpétua; nas excursões à reserva ecológica, localizada nas dependências da instituição, quando realizávamos piqueniques; nas festas juninas e gincanas que movimentavam o pátio da escola.

Quantas aventuras! Durante as excursões, nos divertíamos com os micos que desciam das árvores para furtar nossa merenda. Também morriamos de medo de afundar na areia que diziam ser movediça, mas que ninguém nunca teve coragem de testar para comprovar. E como era difícil acreditar que aqueles tantos girinos da lagoa, que mais pareciam peixinhos fugitivos, transformar-se-iam em sapos asquerosos e coaxantes.

Mas o mais incrível mesmo é ver como as coisas diminuíram de tamanho – ou será que fomos nós que espichamos? A capela, por exemplo, que demorávamos alguns minutos para atravessar de uma ponta a outra, hoje não exige sequer mais de dez passos. E os banheiros, que frequentávamos com o cuidado de não trancar a porta, pois podíamos ficar presos e não alcançar a maçaneta, hoje teríamos de adentrá-los curvando-nos para não bater a cabeça no portal. Claro que o tempo passou. Crescíamos. E novas experiências estavam por vir.

Com o fechamento do Educandário São José, o espaço passou a abrigar a Casa da Criança e do Adolescente (CCA), uma instituição filantrópica, coordenada pela ordem das Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz, voltada para o atendimento de jovens carentes em idade estudantil, e onde são realizadas, até hoje, atividades artísticas, culturais, esportivas e de lazer; reforço escolar e alimentar; e de educação para o trabalho, por meio da fabricação de bolas e produção de artesanato.

Eu e meus irmãos, na época, fomos transferidos para o Colégio Nova Flórida, onde cursei da 1ª à 5ª série do Ensino Fundamental.

2.2. DA INFÂNCIA AO INÍCIO DA ADOLESCÊNCIA

Apesar de nunca termos sido ricos, meus pais sempre fizeram questão de investir na educação de seus filhos. Pelo menos durante as séries iniciais, empenharam-se para nos manter em escolas particulares. Os materiais eram comprados a muito custo e, sempre que possível, eram reaproveitados no ano seguinte.

Embora a nova escola não fosse religiosa, o trabalho pedagógico desenvolvido assemelhava-se bastante ao da anterior. O ambiente escolar também era muito agradável. O pátio era amplo e arborizado; ofereciam-se aulas de natação, futsal, jazz e balé; além de frequentemente serem realizadas festas e outros eventos que privilegiavam a interação com a família dos estudantes.

Meu pai, no entanto, raramente podia participar. Minha mãe é quem o representava, mesmo nas celebrações promovidas pela escola em homenagem ao Dia dos Pais. Como ele trabalhava em Brasília e nós morávamos e estudávamos em Alexânia, nos víamos somente nos finais de semana. Mesmo assim, sua participação em nossa educação foi essencial.

O fato de ele manter as estantes de nossa casa repletas de livros, por exemplo, e, nos fins de semana, debruçar-se sobre eles, devorando-os, um seguido do outro, certamente nos motivou o gosto pela leitura e pela literatura. O mesmo incentivo nos foi dado com os inúmeros gibis com os quais nos presenteava, além, é claro, de sabermos que sua ausência física em nosso lar tinha o objetivo único de proporcionar a mim, a meus irmãos e à minha mãe uma educação e vida de qualidade. Por isso, esforçávamos sempre para conseguir boas notas e rendimento nas atividades escolares.

Quanto aos professores, ainda me lembro de todos que tive nesta segunda etapa da vida estudantil. Na primeira série, “tia” Nilma desdobrava-se em duas turmas, uma pela manhã e outra pela tarde. Na segunda, o sotaque gaúcho carregado de “tia” Eulália despertava nossa atenção. Na terceira, foram duas Lucianas: uma professora titular e a outra, estagiária. Já na quarta série, “tia” Débora era quem coordenava a turma. E, ao longo dos anos, ainda tivemos outros professores que ministravam as aulas de inglês: Nilda, Jacinto e Cristiano. Cada um, à sua maneira, desempenhou um excelente trabalho, tornando-se algumas das maiores referências em minha vida e formação estudantil.

Porém, devido ao tamanho de nossa família e ao aumento constante da mensalidade, em determinado momento tornou-se difícil para meus pais manter-nos naquele colégio. A

situação piorou quando eu estava na terceira série e meu pai, infelizmente, ficou desempregado. Durante algum tempo, permanecemos na escola graças à amizade e compreensão da diretora proprietária do colégio, mesmo acumulando meses de mensalidades atrasadas.

Insatisfeita com aquilo, minha mãe decidiu trabalhar como faxineira da escola em troca do abatimento de nossa dívida e do pagamento das futuras mensalidades. Todas as manhãs, passamos a ir mais cedo para a escola, para ajudá-la na arrumação das salas. Ao término das aulas, fazíamos o mesmo. Assim, permanecíamos muito mais tempo na escola do que a maioria dos alunos. E, embora fosse trabalhoso, isso me agradava.

Nas horas de folga ou momentos em que minha mãe se ocupava de atividades nas quais não podíamos ajudá-la, eu e meus irmãos mais novos nos disponibilizávamos a ajudar as professoras, participávamos das aulas de outras turmas, ou nos juntávamos à bagunça das outras crianças. A escola tornou-se, assim, nossa segunda casa. E o exemplo de minha mãe um motivo de orgulho para todos nós, eternamente gratos por tudo o que fez e continua a fazer por nossa educação.

Lembro que, ao sair do Colégio Nova Flórida para cursar a sexta série na Escola Estadual Nelson Santos, minha mãe, mais uma vez, demonstrou-se uma guerreira. Diante da má administração da instituição, que matriculou mais alunos do que as salas podiam suportar, deixando alguns alunos, por algum tempo, sem aulas e professores, ela organizou um grupo de mães e não sossegou até conseguir que as devidas providências fossem tomadas pela Secretaria Estadual de Educação. Sua atitude foi tão influente que não tardou para minha mãe ser convidada a representar todos os pais de alunos no conselho administrativo da escola.

A verdade é que minha transferência para a escola estadual representou um marco em minha vida. Lá, pude perceber as diferenças e semelhanças entre o sistema público e privado de educação. Embora também tenha encontrado excelentes professores, a carência de recursos e a precarização da estrutura física da escola influíam negativamente na formação dos alunos. Além disso, a participação ativa de minha mãe na escola e em minha educação destoava da atitude dos pais dos demais alunos, que se mantinham ausentes e aparentemente desinteressados em relação ao que acontecia no ambiente escolar.

De todo modo, a experiência que tive na Escola Estadual Nelson Santos foi enriquecedora. Nas gincanas, conseguíamos mobilizar toda a turma, que saía pelas ruas da cidade a angariar materiais diversos para a escola. Foi lá também que tive a oportunidade de participar da primeira campanha social de minha vida quando, ao final do ano, arrecadamos alimentos e fomos distribuí-los a famílias carentes na periferia do município. Sem falar dos

mutirões de limpeza que realizamos várias vezes para melhoria da escola e da satisfação de vermos e contribuirmos para a reforma da instituição, que evoluiu significativamente ao longo dos três anos em que estudei lá, graças à mudança na gestão da escola.

2.3. ENSINO MÉDIO: UMA ETAPA DE DECISÕES

Como na Escola Estadual Nelson Santos era oferecido apenas o ensino de quinta a oitava séries, ao concluir o Ensino Fundamental tive de me transferir para o Colégio Estadual 31 de março. Era este, na época, o principal colégio do município. Por lá tinha passado a maioria dos moradores da cidade e era lá, também, que trabalhavam alguns dos melhores e mais famosos professores.

Desde a oitava série até o terceiro ano, engajei-me como representante de turma e esforçava-me para representar da melhor forma possível aos companheiros da classe. Foi nesta época, também, mais especificamente quando estava no primeiro ano, que comecei a trabalhar. Todos os dias, depois das aulas e após o almoço, ia para uma papelaria onde, das 13h às 19h, desdobrava-me como atendente, vendedor, caixa, limpador, entregador e cobrador. Fazia de tudo! E embora aquilo representasse o início de minha independência, o que eu gostava mesmo de fazer era estudar.

Naquele mesmo ano, participei da primeira etapa do Programa de Avaliação Seriada (PAS) da UnB. Obtive um resultado razoável, mas sabia que precisava melhorar. Apesar da promessa de estudar mais, acabei prejudicado pelo excesso de trabalho e, no ano seguinte, minha nota, que precisava aumentar, caiu alguns pontos bem significativos. Mas não desisti.

Vi alguns amigos desistindo com o passar das séries, mas meu sonho de estudar na UnB era maior que tudo. Não sabia que curso queria. Administração, Educação Física, Letras, Jornalismo, Relações Internacionais, Farmácia... Mil opções de cursos passavam pela minha cabeça, mas não conseguia decidir.

Lembro que, na época, eu até brincava dizendo: “Quero estudar na UnB. Não importa a área. Até curso Superior de Limpeza Urbana eu aceito! Quero fazer faculdade e passar em algum concurso”. Parecia simples. Mas como as aparências enganam!

Já no terceiro ano, meu tempo parecia cada vez mais curto, ao contrário de minha indecisão, que só crescia. Continuei a estudar para o PAS, a trabalhar, a sonhar com a UnB.

Mesmo assim, inscrevi-me para o vestibular da Universidade Federal de Goiás, colocando como opção Jornalismo.

Confesso que, àquela altura, não tinha muita certeza do que queria. Porém, eu sempre gostei de escrever. E, além de ter ganhado um concurso de crônicas promovido por um jornal da cidade naquele mesmo ano, eu via no Jornalismo uma forma de poder me expressar mais livremente, driblando a timidez que sempre me acompanhara. Na verdade, acho que também acabei influenciado por meu super-herói preferido quando criança: o Superman.

Na Federal de Goiás acabei aprovado apenas na primeira de duas fases. No PAS da UnB, inscrevi-me com base na modesta média que havia alcançado até então. Entre os cursos para os quais podia disputar uma vaga com aquela nota, agradavam-se duas opções: Letras e Pedagogia. Fiquei com a segunda opção.

Mais uma confissão: na verdade, eu nem sabia direito o que fazia um pedagogo. Afinal, quem além de nós mesmos, graduandos na área, sabe de todas as possibilidades dessa profissão? Quando eu ouvia a palavra, só lembrava-me de minha mãe referindo-se com admiração à diretora do Colégio Nova Flórida, única pedagoga que conhecíamos até então.

Sem acreditar que podia ser aprovado, prestei vestibular na UnB para Relações Internacionais. Que vergonha! Minha nota foi péssima e, naquele ano, o número de candidatos àquele curso superou todos os demais. Não fiz nem questão que verificar o resultado, nem do vestibular, nem do PAS.

Nessa brincadeira, por pouco não perdi a data de matrícula. Desanimado e já planejando fazer um ano de cursinho preparatório para o próximo vestibular, inventei de pesquisa no Google para descobrir se havia algo sobre mim na Internet. Para minha surpresa, havia sim! E quem diria que era justamente meu nome na lista de aprovados da UnB!

Liguei imediatamente para minha irmã, que também compartilhou a alegria comigo. Em seguida, liguei para casa, informando a meu pai, que não pareceu muito contente. “Pedagogia? Não tinha outro curso?”, me perguntou. Para mim, no entanto, não importava nada mais além de saber que estudaria, finalmente, na Universidade de Brasília.

Se eu já não me aguentava de tanta alegria, a felicidade ficou ainda maior quando soube que havia ganhado uma bolsa de estudos para cursar Jornalismo na Universidade Católica de Brasília.

Diante da possibilidade de poder cursar os dois cursos ao mesmo tempo, não pensei duas vezes. Reuni toda a documentação necessária, comuniquei minha saída do emprego e parti para Brasília. Uma nova vida começava!

2.4. ENSINO SUPERIOR

Embora eu tivesse passado a maioria de minhas férias em Brasília e sempre tivesse pensado em me mudar para a capital do país, quando, enfim, essa data chegou, o choque cultural foi inevitável. Afinal, deixei para trás meus amigos, minha casa, meus 15 anos de vida em Alexânia.

Ao mudar, fui morar na casa de minha avó, no Guará. De manhã estudava Jornalismo, na Católica, e, à noite, cursava Pedagogia, na UnB. Não demorou muito para minhas tardes também serem preenchidas com atividades extracurriculares ou estágios. Minha vida seguiria esta rotina pelos próximos quatro anos.

O que recebi ao sair do emprego mal durou para um semestre. Nas despesas, passei a ser ajudado por minha irmã e avó. E nas universidades, me encantava cada vez mais pelos cursos.

Na UnB, logo comecei a trabalhar com alfabetização de adultos, pela Coordenadoria de Capacitação e Educação (Procap), ao lado de minha amiga Eliane Carneiro, que também morava no Guará e tornou-se minha companheira nas inúmeras idas e vindas de ônibus para a universidade e das intermináveis horas de espera na Rodoviária do Plano Piloto. A experiência na alfabetização foi incrível. Descobri o prazer de ensinar e, principalmente, de ver o outro aprender. Não havia nada mais gratificante!

Infelizmente, não pude permanecer no programa mais do que seis meses, devido ao aparecimento de uma ótima oportunidade de estágio em um dos jornais da cidade. Entre a Educação e a Comunicação, resolvi dar prioridade ao Jornalismo. Desse modo, enquanto pegava grade fechada na Universidade Católica de Brasília, pegava o mínimo de créditos possível na UnB. Assim, tornei-me jornalista dentro de quatro anos, enquanto na UnB via todos meus amigos se formarem, deixando-me para trás.

Ao todo, foram 11 semestres de permanência mais dois em que me mantive com a matrícula trancada. Apesar do tempo prolongado que passei na UnB, creio que as experiências vividas nesse período contribuíram significativamente para meu amadurecimento. Após a conclusão da primeira graduação, me senti um cidadão muito mais ético e responsável, além de tornar-me muito mais exigente comigo mesmo e enfim, ter encontrado a certeza do que quero para meu futuro.

Na Pedagogia, a segunda experiência prática que tive na educação aconteceu há pouco menos de um ano, como início da realização do estágio curricular obrigatório. Jamais pensei

que iria gostar tanto de estar novamente em uma sala das séries iniciais do Ensino Fundamental. Tamanha foi minha satisfação que, nas duas fases do estágio, por livre e espontânea vontade, cumpri muito além das 90 horas de observação exigidas para cada uma das etapas.

A recompensa veio no carinho e amizade das crianças, na satisfação de sentir-me útil à sua aprendizagem e, também, no quanto pude aprender com elas e com as professoras das turmas observadas.

2.5. PERSPECTIVAS FUTURAS

Ao longo desses quase sete anos em que me dividi entre o Jornalismo e a Pedagogia, pude encontrar relações múltiplas entre os dois campos do saber. A Comunicação e a Educação caminham juntas. É a partir da comunicação, por exemplo, que se desenvolvem todas as habilidades humanas. A fala, a escrita, a aprendizagem, a busca de novos conhecimentos.

E apesar de todas as incertezas profissionais que me cercaram durante esses anos, chego ao fim de mais uma etapa de minha vida com a certeza de querer e poder conciliar as duas áreas do conhecimento em minha prática cotidiana. Seja por meio da pesquisa científica, da realização de reportagens sobre a educação, seja pelo uso das tecnologias da informação e comunicação em minha prática docente.

Com a realização deste trabalho final de curso, tentei colocar no papel um primeiro ensaio aproximativo da Pedagogia com a Comunicação. Nesse sentido, gostaria de dedicar-me à Academia, prosseguindo os estudos no Mestrado e no Doutorado, realizando pesquisas e dedicando-me à docência.

Além disso, gostaria de poder realizar ou participar de projetos voluntários – o que começarei a fazer já no próximo semestre, como Amigo da Escola, na instituição onde realizei o estágio e a pesquisa. Afinal, depois de ter tido a oportunidade de cursar dois cursos superiores “gratuitamente”, isto é o mínimo que eu poderia fazer em retribuição à sociedade e ao meu país.

O futuro é incerto. Mas acredito ter feito e estar fazendo a minha parte. As possibilidades são múltiplas, mas as escolhas são únicas e devem ser feitas à medida que for necessário.

3. MÍDIA, EDUCAÇÃO E HIPERTEXTUALIDADE

Embora há muito tempo se especule sobre a importância dos meios de comunicação como alternativa facilitadora do processo ensino-aprendizagem, a utilização desses recursos, principalmente em escolas públicas, quase sempre ocorre de forma limitada e infrequente. Na maioria das vezes, os professores se limitam a utilizar um aparelho de som ou DVD para trabalhar letras de músicas, ou, como dizem, para “ilustrar” os conteúdos estudados em sala de aula.

Segundo Carlos Roberto Cury, isso acontece porque, muitas vezes, a mídia é vista com certa desconfiança. “Não poucos veem nela um mero espaço de trânsito rápido de informações ou de seara insidiosa em vista do consumismo e da diversidade banal” (CURY, 2008, p.9).

Desse modo, esquece-se do poder que os meios e veículos de comunicação podem exercer em relação à autonomia do sujeito, facilitando a busca e o acesso a informações, a interação entre os alunos e destes com o próprio professor, além de favorecer a interconexão dos diferentes pontos de vista apresentados em programas televisivos, por exemplo, o que é de fundamental importância para a produção do conhecimento. Pois, como afirma Sandra Pereira Tosta ao referir-se à revolução da comunicação, o desenvolvimento de um ambiente técnico possibilitou ao homem moderno encontrar “a satisfação de suas necessidades na interação com dispositivos que ampliariam a função dos órgãos do corpo” (TOSTA apud MELO & TOSTA, 2008, p. 18).

Por outro lado, apesar dos professores não privilegiarem a utilização explícita dos meios e veículos de comunicação e das tecnologias da informação em seu trabalho, esses profissionais acabam por fazer referências indiretas a eles em sua prática cotidiana. Isso porque, na tentativa de contextualizar os conteúdos e conceitos trabalhados em sala de aula e transformar essas informações em conhecimento, os professores resgatam notícias, sites, filmes, músicas (aqui configurados como bens culturais comunicacionais) e outros elementos observados na realidade vivida pelo aluno, relacionando-os.

Tais preceitos encontram fundamento no trabalho de estudiosos como Vygotsky, Celestín Freinet e Paulo Freire, que, implicitamente, têm vínculos com o presente trabalho. Na história da educação, foram eles os pesquisadores que melhor abordaram a perspectiva sócio-histórico-cultural relacionada à área educativa e à formação do sujeito, influenciando

significativamente na introdução do uso de recursos comunicacionais em aulas e cursos diversos.

Nesse sentido, as contribuições de Mikhail Bakhtin também foram decisivas. Embora não tenha se referido diretamente ao hipertexto e aos recursos comunicacionais, seus estudos favoreceram “a elaboração e assunção de uma concepção pedagógica sócio-culturalista” (DIAS; MOURA, 2007, p.2) e hipertextual. Ou seja, caracterizada pela interatividade, intertextualidade, dialogismo, polifonia, interdisciplinaridade, multilinearidade e heterogeneidade; e com o intuito de constituir “salas de aula interativas e dinâmicas, propícias ao desenvolvimento de posturas e estratégias educativas pautadas na diversidade” (DIAS; MOURA, 2007, p. 2).

Estas características, que se referiam inicialmente à teoria dialógica, proposta por Bakhtin, passaram então a ser relacionadas às práticas educativas, propiciando a ampliação do conceito de hipertexto, definido, agora, como um evento comunicacional.

Assim, a utilização, em sala de aula, de elementos comunicacionais e tecnológicos, além de todas e quaisquer ferramentas e instrumentos presentes na vida do indivíduo, é vista de maneira positiva pela concepção bakhtiniana. Pois, configurados como elementos promotores da hipertextualidade, tais recursos tendem a facilitar a aprendizagem e o desenvolvimento do sujeito em múltiplos aspectos, mesmo fora do ambiente escolar. E quando o professor lança mão dessas ferramentas em seu trabalho, aproximando a teoria escolar às práticas cotidianas – nas quais a mídia está fortemente inserida – os conteúdos ministrados passam a fazer muito mais sentido ao educando.

Desse modo, percebe-se que mais do que ser utilizada como ferramenta de apoio à educação, a mídia – considerando-se aqui os meios e veículos de comunicação – já educa e instrui por si só. Porém, para que a interconexão das informações e conteúdos disponibilizados pela mídia ocorra e seja interiorizada pelo sujeito na forma de conhecimento, faz-se necessária a intervenção do professor. É ele quem vai selecionar o que for mais significativo ao educando, estabelecendo e apresentando as possíveis relações entre o que é ensinado na escola e o que é repassado pela mídia.

Antes, porém, de prosseguirmos a explanação sobre a perspectiva bakhtiniana de hipertexto e sua importância no processo ensino-aprendizagem em Geografia – objetivos centrais deste trabalho –, façamos um resgate histórico das diferentes conceituações referidas a hipertexto e uma breve revisão das concepções pedagógicas sócio-culturalistas.

3.1. AFINAL, O QUE É HIPERTEXTO?

Comumente associado à ideia de links em textos na internet, softwares, CD-ROMs e aos computadores de modo geral, o conceito de hipertexto é muito mais complexo e não necessariamente está relacionado às ferramentas computacionais, tecnológicas e digitais. Pelo contrário, trata-se de um evento que pode ser realizado em várias esferas da comunicação (meios impressos, audiovisuais, virtuais, gráficos, etc.), compreendendo diferentes segmentos de atividade intelectual, desde que proporcione e estabeleça relações entre informações e conteúdos distintos, direta ou indiretamente.

Deste modo, podemos situar a origem dos conceitos de hipertexto paralelamente à das primeiras manifestações de escrita ou, ainda, paralela ao desenvolvimento da racionalidade humana. Isso porque, segundo afirma Chaves Filho (2003), a própria idealização, por Vannevar Bush², da máquina que viria “a forjar o hipertexto eletrônico” estaria fundamentada no modo como pensamos e memorizamos informações, além de, há milênios, serem escritos textos³ “com referências explícitas a outros em seu interior”, permitindo “leituras em sequências sensivelmente variadas, definidas pela livre escolha do leitor” (CHAVES FILHO, 2003, p. 31).

Cláudia Dias (1999) vai além e aponta elementos da hipertextualidade já nas sociedades orais, quando

a comunicação baseava-se nas lembranças das pessoas; em especial, em sua memória auditiva. Os membros das sociedades sem escrita exploravam ao máximo artifícios, como dramatizações, rituais, danças e músicas, como forma de transmitir e perpetuar acontecimentos e histórias que consideravam relevantes. Não havia, entretanto, qualquer garantia de que a mensagem oral seria a mesma após vários estágios de transmissão. Com a escrita, passou a ser possível tomar conhecimento de fatos presenciados ou relatos feitos por pessoas que viveram em outras épocas ou lugares. (DIAS; 1999, p. 269).

Segundo esta mesma perspectiva, Otávio Filho e Egnaldo Pelegrino descrevem que todo texto escrito é um hipertexto onde “o leitor se engaja num processo também hypermidiático, pois a leitura é feita de interconexões à memória do leitor, às referências do texto, aos índices e ao índice que remetem o leitor para fora da linearidade do texto” (LEMOS apud FILHO; PELEGRINO, 2005). Transpondo esta afirmação para a realidade das

²Vannevar Bush foi diretor do Escritório de Pesquisa Científica e Desenvolvimento (Office of Scientific Research and Development– OSRD) do governo dos EUA. Tratava-se de uma agência criada para coordenar pesquisas científicas com fins militares durante a Segunda Guerra Mundial.

³Chaves Filho cita como exemplo a Bíblia.

sociedades orais, mencionadas por Cláudia Dias, ou mesmo as sociedades rupestres – que se expressavam por meio de desenhos nas paredes das cavernas –, poder-se-ia afirmar que o mesmo acontecia, porém, em relação à oralidade e ao desenho, também entendidos como texto, em um sentido mais amplo do termo.

Ainda conforme Dias, a utilização de links – tal como os utilizados no meio eletrônico nos dias atuais, para estabelecer ligações e conexões entre informações diversas – teria se manifestado por volta do século IX, quando começaram a ser escritos os contos árabes *Les Mille et Une Nuits* [As mil e uma noites]. Traduzidos para a cultura ocidental em 12 volumes, já no século XVIII, pelo escritor francês Antoine Galland, apresentavam “um encadeamento contínuo de histórias, isto é, uma história contém outra história, que por sua vez contém outra e assim por diante” (DIAS; 1999, p. 270).

A partir da invenção da imprensa, por Gutemberg, em meados do século XV, e o constante aperfeiçoamento das técnicas de editoração e impressão, aos poucos foram sendo introduzidos nas publicações elementos (como paginação, sumário, citações, capítulos, títulos, resumos, erratas, esquemas, diagramas, índices, palavras-chave, bibliografias, glossários, etc.) que permitiriam ao leitor “interagir” com o texto, oferecendo-lhe a possibilidade de leitura não-linear (DIAS; 1999, p. 270).

Há, ainda, autores que remetem a origem do hipertexto à roda de leitura de Agostino Ramelli, idealizada em 1588, mas não implementada, na qual seria possível consultar vários livros, simultaneamente, sem sair do lugar. Isto porque a roda seria construída de tal modo que, estando sentado, o leitor poderia girá-la, sem que os livros caíssem, até encontrar o volume desejado.

Porém, a maior contribuição referente à origem do hipertexto talvez tenha sido dada por Vannevar Bush, já citado anteriormente, ao idealizar o Memex, na década de 1940, embora o aparelho jamais tenha sido construído exatamente nos moldes pensados por ele.

Acreditando que a mente humana trabalha por associação, criando uma espécie de rede intrincada de vias e interconectando as memórias e os dados nela armazenados, Bush imaginou o Memex de modo que a organização mecânica da informação também se fizesse dessa maneira, em condições hipertextuais⁴.

Pesquisadores situam a origem das ideias de hipertexto eletrônico no contexto bélico da segunda guerra mundial, com a publicação, na revista *Atlantic Monthly*, de um artigo de Vannevar Bush denominado *As we may think* [Como podemos pensar], em

⁴ Informações obtidas do site http://www.citi.pt/homepages/espaco/html/vannevar_bush.html. Acesso em: 28 jun. 2011.

1945. Nesse artigo, preocupado com a enorme quantidade de informações técnicas acumuladas pelos cientistas americanos no período da guerra, analisando várias descobertas científicas, processos tecnológicos de registro de informações e uma descrição do modo como pensamos e memorizamos informações, Bush idealizou uma máquina a qual denominou “Memex”. Sua principal função seria a de coleta de dados e informações que deveriam ser armazenados e organizados de tal forma que permitisse, a outros pesquisadores, utilizá-las de modo rápido e eficiente. Também deveria ser uma máquina de fácil transporte e manuseio, importando ideias de miniaturização e interatividade. (CHAVES FILHO, 2003, p. 33)

Assim, segundo Dias (1999), o Memex pretendia propiciar a leitura e escrita não-lineares e armazenar uma biblioteca multimídia de livros, fotos, correspondências, jornais, revistas e outros documentos, possibilitando a consulta “de forma rápida e flexível, como se fosse uma extensão de sua memória” (DIAS, 1999, p. 272). Tudo isso seria possível por meio do que, hoje, se assemelharia aos periféricos do computador: teclado, botões, alavancas, telas translúcidas e mecanismos de armazenamento, gravação e projeção baseados no uso de microfilmes.

Foi na década de 1960, no entanto, que o hipertexto eletrônico começou a tomar dimensões concretas, por mais paradoxo que essa expressão possa parecer. Após escrever um artigo no qual destacava a possibilidade de o computador ampliar o pensamento humano, Douglas Engelbart inventou o editor de textos, o sistema de visualização por janelas e o mouse, permitindo a manipulação de “complexos informacionais representados na tela por um símbolo gráfico em conexões associativas (hipertextuais) em bancos de dados ou entre documentos escritos por autores diferentes” (LÉVY apud CHAVES FILHO, 2003, p. 34).

Outro passo decisivo, naquela mesma década, foi a criação do termo “hipertexto” (hypertext), em 1962, pelo filósofo e sociólogo norte-americano Theodor Nelson, durante o desenvolvimento do projeto Xanadu. A inspiração para o nome teria surgido do “vocabulário matemático, em que o prefixo ‘hiper’ significa estendido e generalizado e que foi influenciado pela noção de hiperespaço (o espaço com quatro ou mais dimensões)” (BARDINI apud REZENDE, 2000, p. 7).

Inicialmente, o hipertexto de Nelson designava uma ferramenta literária que permitia ao autor revisar, comparar, alterar ou desfazer seu texto facilmente [...] Contudo suas ideias são mais abrangentes que isso. Nelson via o hipertexto como alternativa para a linearidade imposta às ideias pelos meios tradicionais, como os livros e os sistemas de catalogação e indexação. A partir da descrição do Memex de Bush, formulou uma conceituação de hipertexto como uma rede de itens ligados por trilhas associativas. Com Xanadu, seu grande projeto, aspirava criar uma rede de edição hipertexto instantânea e universal. (REZENDE, 2000, p. 7).

Nesse sentido, as pessoas poderiam usar o Xanadu para “escrever, se interconectar, interagir, comentar os textos, filmes e gravações sonoras disponíveis na rede, anotar os

comentários, etc.” (LÉVY apud REZENDE, 2000, p. 7). Assim, o usuário tornar-se-ia, ao mesmo tempo, leitor e autor; podendo acessar uma infinidade de links à sua escolha e colaborar para a produção e disseminação de informações e conteúdos coletivos e universais.

O que naquela época parecia uma utopia, com o passar dos anos e o desenvolvimento de inúmeras pesquisas na área, foi se tornando realidade. Nas décadas seguintes, assistiu-se à implementação da internet nas grandes corporações, instituições governamentais ou centros de pesquisa, mas servindo basicamente para a realização de cálculos ou processamento de grande quantidade de dados; ao desenvolvimento de sistemas cada vez mais sofisticados e fáceis de usar; até chegarmos aos dias atuais, em que a tecnologia digital está ao alcance de todos, permitindo o acesso rápido e interativo a uma quantidade infinita de informações.

3.2. O HIPERTEXTO COMO EVENTO COMUNICACIONAL

A noção de hipertexto como um evento comunicacional se baseia na teoria dialógica de Mikhail Bakhtin. Segundo esta concepção, os discursos não existem isoladamente. Pelo contrário, são formados por vários outros discursos (textos) que estabelecem entre si um contínuo exercício de interação, passando por constantes processos de ressignificação.

Isso porque, durante um processo comunicacional, os detentores do discurso, ou seja, os emissores/receptores de uma determinada mensagem, compartilham de um repertório linguístico e sócio-cultural comum. Isto possibilita o entendimento entre os sujeitos e, conseqüentemente, a ressignificação de seus discursos, uma vez que a comunicação constitui-se basicamente da troca de informações, que são assimiladas, ou não, pelos sujeitos envolvidos. Lembrando que, neste processo, o contexto histórico e social também é determinante.

Chaves Filho deixa claro o conceito bakhtiniano ao afirmar que:

O dialogismo é, para Bakhtin, um termo usado para designar a negociação de significados socialmente construídos pela interação de vozes múltiplas, caracteriza-se pelo agrupamento de pessoas, permeados por experiências compartilhadas ou interesses, onde a construção de significados se dá por um processo contínuo de comunicação, interpretação e negociação. Embora o foco primário de Bakhtin estivesse no romance literário, as discussões que ele identificou como monológicas ou dialógicas, pareçam [sic] se ajustar bem dentro do âmbito das teorias que aqui procuramos. Adicionalmente, o confronto da teoria de Bakhtin, do escrito e do falado em textos, provê uma modelagem potencial para a análise da natureza do hipertexto. Essa aproximação pode ser trabalhada no sentido de contribuir na discussão sobre o conjunto de sistemas hipertextuais e estender o alcance de suas

aplicações, respaldados por uma busca de coerência ética e estética na arquitetura da comunicação. (CHAVES FILHO, 2003, p. 44)

Sendo assim, além da interatividade, a teoria bakhtiniana do dialogismo traria consigo as categorias de intertextualidade, interdisciplinaridade, multilinearidade, heterogeneidade e polifonia, tornando possível aplicar o conceito de hipertexto a outros meios além do computacional, embora devamos reconhecer as especificidades deste meio.

Conforme apresenta Jacquinot-Delaunay em referência às tecnologias comunicacionais, a inovação tecnológica permitiu “converter numa única linguagem informática todos os tipos de texto, voz, imagens e sons, armazenados e difundidos em múltiplas redes e ao serviço de múltiplos usos” (2009, p. 171), ampliando a assunção dos conceitos citados no parágrafo anterior.

[...] os consumidores são encorajados a buscar informações, a descobrir novas vias de navegação, a conectar entre si conteúdos midiáticos disparatados, a criar novas condições de comunicação interpessoal e comunitária, a tornarem-se alternadamente produtores e consumidores de uma cultura dita “participante” ainda em emergência – alguns falam de uma “terceira idade da cultura” com a singularidade do artista não mais ao tempo da “reprodutibilidade” (Walter Benjamin), mas ao tempo da “remixabilidade”. Como diz Henry Jenkins, em sua importante obra *Convergence culture, When Old and New Media Colide*, a «convergência se situa no cérebro dos consumidores individuais através de suas interações sociais com os outros», o que não pode deixar de ter consequências sobre as relações entre os saberes e as aprendizagens. (JACQUINOT-DELAUNAY, 2009, p. 171)

Dias e Antony, da mesma forma, destacam a rapidez e a praticidade do meio eletrônico para a construção de hipertextos, mas, “partindo do pressuposto de que a prática de leitura e escrita hipertextual depende da concepção em que está calcada, e não do ambiente onde se realiza” (DIAS; ANTONY, 1999, p. 17), defendem que o ambiente impresso, a TV, o cinema e a sala de aula também podem promover a hipertextualidade, conforme suas características.

Nesse sentido, referindo-nos às categorias do dialogismo bakhtiniano como características do hipertexto e considerando que a hipertextualidade pode se fazer presente em diferentes mídias desde que respeitadas essas características, vale ressaltar que:

- não-linearidade ou multilinearidade permite ao leitor o acesso não hierarquizado à informação. Ou seja, não há uma ordem ou percurso a ser seguido sistematicamente, mas possibilidades múltiplas de leitura a partir da subjetividade do leitor, que passa a exercer uma coautoria com o verdadeiro autor do texto. Em alguns casos, a multilinearidade pode ser favorecida pela fragmentação e pela disposição visual dos conteúdos;

- a polifonia, caracterizada pela diversidade de vozes e pontos de vista, ao permitir o confronto de ideias e opiniões configura-se como um convite à interatividade, já que possibilita ao usuário interferir e transformar o texto, ao mesmo tempo em que deixa clara a intertextualidade dos discursos. A polifonia focaliza “a produção de significação por diálogos” (CHAVES FILHO, 2003, p. 45), evitando a ênfase em consensos e explicitando a diversidade;
- a heterogeneidade explicita a utilização de diferentes recursos, usados isoladamente ou em conjunto, de modo a permitir a percepção sob diferentes aspectos e com o uso de diferentes órgãos dos sentidos;
- a interdisciplinaridade, por sua vez, busca articular domínios disciplinares, fazendo conexões entre diferentes campos do saber em torno de uma temática comum, incitando, ainda, relações com a cultura e outros elementos presentes na realidade do indivíduo (DIAS; MOURA, 2007).

Como é possível perceber, as categorias do dialogismo bakhtiniano apresentam-se intimamente relacionadas, constituindo-se tarefa difícil analisá-las separadamente. De todo modo, pelo exposto acima, também é possível perceber o quanto o hipertexto pode ser útil e eficiente para a promoção de uma educação de qualidade, calcada em experiências diversificadas e significativas ao educando, de modo a educá-lo não apenas para a escola, mas para a vida, afinal,

[...] a educação hipertextual significa uma experiência de construção de sentidos e de formação humana em que há uma **heterogeneidade** de textos: corporal, emocional, social, psicológico, cinestésico. Há uma **intertextualidade** de conhecimento. Porque este não se isola enquanto experiência unilinear, mas interage com os outros textos sociais, culturais, educacionais, pessoais, que estão em jogo na vida, no cotidiano. Há uma **interatividade**, no sentido de que nela a aprendizagem é um processo construtivo, criativo e associado ao próprio projeto de vida dos educandos. Há uma **não-linearidade**, uma vez que a interatividade entre aprendizagem e o sujeito do educando permite a construção de percursos de sentidos individualizados, descontínuos, um projeto de formação humana particular. (DIAS; ANTONY, 1999, p. 18)

3.3. CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS

Não é de hoje que se percebe a importância da interferência do educador no desenvolvimento da personalidade e demais características cognitivas do estudante. Até

mesmo o senso comum se conscientizou de que a aprendizagem e desenvolvimento da criança se dão de forma bem mais agradável e eficiente quando professor e aluno mantêm uma relação de amizade e afeição entre si. Isso porque, nessa relação de afinidade mútua, o professor também pode obter um maior contato com a vida do estudante e, dessa forma, planejar as atividades pedagógicas satisfazendo as reais necessidades do aluno. Assim, o educador alcança um melhor resultado em seu trabalho uma vez que propicia a interação do aluno com as atividades necessárias à sua formação educacional, despertando-lhe o interesse, o envolvimento e o comprometimento com o que lhe é ensinado.

Devemos nos atentar, no entanto, para o fato de que as reais condições da educação pública brasileira – na qual encontramos, muitas vezes, salas superlotadas, professores com carga horária excessiva, entre outras dificuldades que se impõem à intenção do professor – nem sempre permitem o estabelecimento desta proximidade entre educadores e alunos. Ainda assim, não podemos ignorar o fato de que, ao ser inserida no contexto escolar, a criança já traz de sua vivência familiar e social uma “bagagem” de conhecimento.

Seja na linguagem, nas formas de se relacionar com os outros alunos, na participação em atividades propostas, cada criança carrega em si uma especificidade advinda de suas experiências cotidianas. Essas características, no entanto, só passaram a ser observadas mais sistematicamente com o desenvolvimento da teoria educacional histórico-cultural, pelo russo Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934).

Formado em direito, ele desenvolveu importantes estudos na área de psicologia e educação, tornando-se um dos primeiros autores a relacionar o desenvolvimento intelectual infantil às relações estabelecidas com o meio em que vivem. Sua teoria baseia-se no desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo sócio-histórico, no qual a linguagem e a aprendizagem seriam determinantes, assim como o adulto intermediador e os meios utilizados para tal fim.

A questão central abordada pelo autor era a aquisição de conhecimentos pela interação [grifo dos autores] do sujeito com o meio. A mediação é conceito central dessa teoria, pois, enquanto sujeito do conhecimento, o homem não tem acesso direto aos objetos. Esse acesso é mediado por recortes do real, operado pelos sistemas simbólicos de que o sujeito dispõe. A mediação se dá por duas vias: os instrumentos e os signos que medeiam o confronto homem/mundo.” (MELO; TOSTA, 2008, p. 18)

Segundo Vygotsky (apud MELLO, 2004), o homem é um ser de natureza social que se desenvolve em condições adequadas de vida e educação, adquirindo ao longo da vida o conjunto de características que definem a sua forma de ser, sua inteligência, personalidade e

cognição. Ao contrário do que afirmavam teorias anteriores – que o ser humano já carregava, ao nascer, o conjunto de aptidões, habilidades e capacidades que teriam quando adulto –, Vygotsky propõe uma nova forma de entender a aprendizagem e o desenvolvimento humanos.

Segundo sua perspectiva,

a criança nasce com uma única potencialidade, a potencialidade para aprender potencialidades; com uma única aptidão, a aptidão para aprender aptidões, com uma única capacidade, a capacidade ilimitada de aprender e, nesse processo, desenvolver sua inteligência – que se constitui mediante a linguagem oral, a atenção, a memória, o pensamento, o controle da própria conduta, a linguagem escrita, o desenho, o cálculo – e sua personalidade – a auto-estima [sic], os valores, morais e éticos, a afetividade. Em outras palavras, o ser humano não nasce humano, mas aprende a ser humano com as outras pessoas – com as gerações adultas e com as crianças mais velhas –, com as situações que vive no momento histórico em que vive e com a cultura a que tem acesso. (MELLO, 2004, p.136)

Percebe-se, então, a necessidade da convivência da criança com outras pessoas desde os primeiros anos de vida para que ela possa definir-se como humana e, a partir do conhecimento adquirido, contribuir para a aprendizagem de outras pessoas. Dessa forma, os conhecimentos adquiridos ao longo da história da humanidade não se “perdem”, uma vez que a comunicação, o ensinamento e a aprendizagem permitem o aperfeiçoamento de técnicas já existentes e não o seu desaparecimento.

Nesse processo, o mediador, isto é, a pessoa, o objeto, a ferramenta e tudo o que pode vir a orientar e a interferir no processo de desenvolvimento da pessoa, é de fundamental importância. Isto porque, de acordo com a concepção de ser humano da teoria histórico-cultural, o desenvolvimento é um processo que se dá de fora para dentro, sendo resultado da aprendizagem. E embora as características inatas do indivíduo sejam condições essenciais para o seu desenvolvimento, elas não são suficientes. É preciso que o indivíduo se relacione com a cultura para que, assim, crie e desenvolva as aptidões e capacidades que não possuía ao nascer, como a inteligência e a personalidade.

Ainda segundo Vygotsky, a aprendizagem humana estaria relacionada à existência de duas zonas de desenvolvimento: a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) e a Zona de Desenvolvimento Real (ZDR). Segundo ele, entre o Nível de Desenvolvimento Real (que é o que a criança já conhece ou consegue realizar sozinha), e o Nível de Desenvolvimento Potencial (o que a criança não consegue realizar), está a Zona de Desenvolvimento Proximal, isto é, o que a criança consegue fazer com algum tipo de mediação. Sendo assim, “a ZDP determina as funções que não estão maduras, porém, que já se encontram em processo de maturação” (VYGOTSKY apud VALDÉS, 2003, p. 50).

Neste processo de mediação, onde a criança aprende com o “outro”, concretizando sua Zona de Desenvolvimento Proximal, a aprendizagem e o desenvolvimento são altamente dependentes do interesse e participação do “aprendiz”. Conforme nos diz Mello, “as situações que garantem mais aprendizado são aquelas que envolvem intensamente as crianças naquilo que estão fazendo: não atuam mecanicamente, mas atuam com o corpo e o intelecto, concentradas no fazer que realizam” (MELLO, 2004, p.147).

A utilização de recursos comunicacionais e tecnológicos, nesse sentido, tende a ser uma excelente aliada, visto que a maioria das crianças mantem certa familiaridade com as novas tecnologias, mantendo-se concentrada e intensamente envolvida quando se vê diante da possibilidade de usar no ambiente escolar o computador, a internet, o vídeo, dentre outras ferramentas.

Dessa forma, na escola, sempre que possível, o professor deve contar com a participação do aluno no processo de planejamento, tomada de decisões, e escolha do que ensinar durante as aulas, levando-se em conta os interesses deles e o conhecimento de suas ZDP e ZDR. Não que devamos deixar de ensinar algo que julgamos importante dentre os conteúdos do currículo escolar só porque a criança não demonstrou interesse, mas, ao contrário, como nos lembra Mello, “os motivos, os interesses e as necessidades são aprendidos, então velhos motivos podem ser modificados e novos podem ser ensinados ou criados” (MELLO, 2004, p.150).

O papel da educação escolar seria, afinal, criar novas necessidades humanizadoras nas crianças. Assim, o educador seria um criador de necessidades que contribuam para o desenvolvimento humano nas crianças.

Como alternativa facilitadora desse processo, Celso Antunes (2002) propõe a realização de atividades grupais ou mais interacionistas em sala de aula, como debates e exposição livre de ideias acerca de temas polêmicos, mas que possam suscitar conclusões; desafios com jogos de palavras ou interpretação de textos e histórias; dentre outras. O autor, no entanto, ressalta a importância de tais atividades não propiciarem sentimentos de vitórias ou derrotas. Dessa forma, os alunos aprenderão conjuntamente e o professor poderá observar o desempenho individual dos estudantes nas atividades sugeridas, buscando conhecer suas zonas de desenvolvimento.

A aula expositiva convencional é uma estratégia de ensino marcada pela passividade e pela ação extremamente individualista do aluno. (...) A alternância dessa estratégia de ensino com alguns jogos operatórios específicos, altamente cooperativos como é o caso do Jogo de Palavras, Torneio ou mesmo o Autódromo podem estimular alguns alunos que se interessem pelo êxito de seus colegas – assim como os componentes de

uma equipe esportiva busquem menos a vitória pessoal e mais a do seu grupo ou seu time – e exercitem na sala de aula um trabalho por esse êxito, contribuindo com uma intervenção positiva na ZDP dos colegas. Quando se promove jogos como os citados e se estabelece que qualquer aluno do grupo poderá vir a ser convidado para expor os resultados da conclusão de sua equipe e quando se define que essa capacidade de exposição e de articulação dos saberes à sua transmissão verbal ou por escrito será reflexo do êxito de todo o grupo, certamente os alunos melhor preparados, diante da incerteza se serão ou não escolhidos para a apresentação tratarão de ajudar seus colegas, levando-os à compreensão integral do desafio proposto. Nesse particular é importante destacar que o processo do empreendimento depende muito da natureza do desafio proposto pelo professor. (Antunes, 2002, p.43-44)

No hall de possibilidades apresentadas por Antunes poderíamos incluir, ainda, a realização de atividades que privilegiem o uso de recursos tecnológicos e comunicacionais, uma vez que os mesmos trazem consigo características explícitas e implícitas que favorecem a interatividade, a variedade de pontos de vista, a multiplicidade de ações e, conseqüentemente, a aprendizagem e o desenvolvimento do sujeito, quando utilizados de forma adequada e para este fim.

Bons exemplos, neste sentido, nos foram apresentados pelo pedagogo francês Celestín Freinet (1896-1966). Em seus estudos, ele destacou a importância da comunicação no processo de formação de um sujeito crítico que, além de mero receptor, pudesse também ser produtor de conhecimento. Utilizando-se do princípio da “atividade enquanto motor de aprendizagem” (MELO; TOSTA, 2008, p. 18), Freinet tornou-se um dos precursores do uso da mídia na escola. Numa época em que os meios de comunicação de massa se restringiam ao meio impresso, o educador passou a produzir jornais escolares a partir de textos livres escritos por seus alunos.

O principal aspecto de identificação de Freinet com a Escola Nova foi o princípio da atividade enquanto motor de aprendizagem. O estudioso compartilhava alguns referenciais teóricos com a Escola Nova, como a criança no centro das preocupações da escola, em oposição à Escola Tradicional, centrada no professor e nos programas. Contudo, apesar dos princípios em comum, os caminhos se distanciaram pela própria realidade bastante diversa das escolas burguesas. E na perspectiva da inter-relação Comunicação e Educação, sua maior contribuição foi, sem dúvida, o interesse pelo uso do jornal em sala de aula, tanto que, ainda na primeira metade do século XX, Freinet já falava desse novo enfoque para o jornal escolar, que não poderia (nem deveria) estar a serviço de uma pedagogia escolástica, porque lhe diminuiria o alcance. O jornal escolar, para o autor, deveria preparar para a vida. (MELO; TOSTA, 2008, p. 19)

Ao descrever a forma como se apropriou dos recursos comunicacionais nas aulas de francês que ministrava, o pesquisador Geneviève Jacquinet-Delaunay (2009) também destacou a utilização da imagem, do rádio, e do cinema como facilitadora da reflexão e do diálogo entre os alunos:

Quando eu era um jovem professor de francês no primeiro ciclo do ensino secundário, introduzi a utilização de imagem sobre papel ou a projeção de slides (que facilita o uso coletivo) na introdução à expressão francesa: eu queria o meio de fazer a totalidade dos alunos trabalhar e refletir em relação a um referente comum, em lugar da tradicional sessão de distribuição de cópias onde somente o professor (que leu a cópia) e o aluno (que a preencheu) tinham uma referência comum e sabiam do que falavam. Sem contar que a projeção repetida permitia a busca da expressividade e da precisão das descrições, ao mesmo tempo em que possibilitava uma excelente introdução à “leitura” da imagem; e que uma série de fotos ou slides poderia, com vantagem, servir à aprendizagem da narrativa em suas variantes verbais e icônicas. Tantas práticas que tinham a vantagem de nunca separar o trabalho sobre a língua de uma real intenção de comunicação a partir de um “dado” proposto a toda a classe e que, ao mesmo tempo, facilitava, por isso mesmo, o diálogo entre os alunos... sem falar da motivação suscitada na época (estávamos nos anos 60) pela introdução, no tempo abstrato do verbo, de alguns “vestígios” da realidade! (JACQUINOT-DELAUNAY, 2009, p. 168).

Neste trecho, mais uma vez, fica claro o quanto a utilização de recursos múltiplos – constituindo, assim, a hipertextualidade – favorece a prática pedagógica. Tanto que, posteriormente à introdução dos recursos imagéticos, Jacquinet-Delaunay também passou a utilizar o rádio em suas aulas, podendo observar que o aparelho “permitia interessantes exercícios de introdução à concentração na escuta e memorização, sem esquecer a abertura ao imaginário do receptor” (JACQUINOT-DELAUNAY, 2009, p. 169).

Mais tarde, ao introduzir o cinema e a televisão, os resultados foram ainda mais enriquecedores, chegando-se ao que ele caracterizou como uma “reflexão intertextual”:

Numa perspectiva mais estritamente pedagógica, e sempre nas aulas de francês, a utilização de versões cinematográficas de obras clássicas no colégio audiovisual experimental de Marly-le-Roi, comparadas às versões radiofônicas e aos textos literários, nos permitiu introduzir uma reflexão chamada “intertextual” sobre as diferentes modalidades de expressão e de comunicação, sua força e limites respectivos (JACQUINOT-DELAUNAY, 2009, p. 169).

A interatividade e a participação ativa do educando no processo ensino-aprendizagem, defendidas pelos autores acima mencionados, também eram princípios norteadores do método Paulo Freire. E embora a utilização de recursos tecnológicos e comunicacionais não tenha sido observada em seus trabalhos, a hipertextualidade se fazia constante a partir da palavra e da imagem, amplamente difundidas em sua prática pedagógica fundamentada no dialogismo. Isso sempre acabava por suscitar novos textos, compreendidos aqui como toda e qualquer forma geradora de significação, tal como imagens, textos, músicas ou outras formas de linguagem, sejam elas verbais, orais, escritas, sonoras, gestuais, etc. (CHAVES FILHO, 2003).

O método paulofreiriano partia do princípio do “conhecer ao outro”. A partir de reuniões informais, buscava-se mapear o universo vocabular dos educandos, ou seja, as

palavras e temas mais frequentes em seu cotidiano, no intuito de elas servirem de base para o trabalho de alfabetização de adultos.

Identificadas e selecionadas as chamadas “palavras geradoras”, a próxima etapa consistia em apresentá-las em cartazes com imagens. Estes, por sua vez, eram utilizados nos “círculos de cultura”, nome dado às rodas de discussão nas quais buscava-se contextualizar as palavras, significando-as na realidade do aluno, e nas quais a figura do professor não estava inserida apenas para ensinar, mas, também, para aprender.

Só depois de concluídas essas etapas é que se partia para o estudo silábico das palavras geradoras e, posteriormente, para a formação de novas palavras a partir das sílabas já estudadas, conforme acontece no método tradicional de alfabetização. A diferença estava no processo de assimilação do que era ensinado, uma vez que não se baseava apenas no repasse de conteúdos pelo professor e na codificação e decodificação simbólica, mas na discussão coletiva e, principalmente, na conscientização do aluno sobre o ambiente em que está inserido. Ou seja, mais do que alfabetizar, o método Paulo Freire tem por objetivo educar para a vida, de modo que o sujeito possa desenvolver uma visão crítica do mundo e uma postura transformadora.

Ao analisar-se o método paulofreiriano, comprova-se que a existência do hipertexto não está condicionada nem vinculada à presença de elementos tecnológicos e computacionais, mas, sim, a elementos comunicacionais, ou seja, que permitem ou constituem a comunicação, enquanto processo de negociação de significados e compartilhamento de experiências ou interesses.

Desse modo, considerando a concepção bakhtiniana de hipertexto, além do dialogismo poderíamos apontar a interatividade, a intertextualidade, a polifonia, a heterogeneidade, a interdisciplinaridade e a multilinearidade como características presentes e fortemente empregadas no Método Paulo Freire.

4. GEOGRAFIA E HIPERTEXTO – RELAÇÕES POSSÍVEIS

4.1. DA GEOGRAFIA TRADICIONAL À GEOGRAFIA CRÍTICA: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

Ao contrário da abordagem paulofreiriana de educação, o ensino de Geografia nas escolas, de modo geral e durante muito tempo, apresentou-se de maneira fragmentada, maçante e descontextualizada à realidade de vida do aluno. Limitava-se a exigir que o estudante decorasse listas de nomes de rios, estados, capitais; tipos de vegetação, solo, relevo, clima, paisagens. Tudo isso de maneira desconexa, sem se preocupar em fazer sentido para o aluno. Hoje, ainda tenta-se reverter essa situação, até para reaver o interesse e o envolvimento dos estudantes, que acabaram sendo desestimulados pelas práticas pedagógicas desenvolvidas.

Os problemas no ensino da Geografia, no entanto, não surgiram repentinamente. São heranças deixadas por concepções surgidas no passado, como a positivista, e perpetuadas ao longo da história, à medida que foram assimilando características de cada época. A fundamentação filosófica positivista, porém, permaneceu predominante, fazendo com que a fragmentação, a quantificação e a descrição dos recursos naturais permanecessem como princípios básicos da disciplina, cuja história relaciona-se intrinsecamente à do capitalismo (RODRIGUES, 2008).

Isso porque, segundo apresenta Auro Rodrigues (2008), a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais tornaram muito mais complexa a relação entre os países, exigindo e proporcionando posturas políticas, econômicas, sociais, científicas e até filosóficas diferenciadas. Foi no contexto das duas guerras que os EUA firmaram-se como uma grande potência, ampliando as relações comerciais e, conseqüentemente, políticas e econômicas entre a maioria das nações.

Como os envolvidos nas guerras não podiam se dedicar à produção industrial, esse posto foi tomado pelos norte-americanos, que passaram a produzir diferentes produtos em larga escala. Logo, seus produtos, empresas e indústrias chegaram a todo o planeta, com a instalação de filiais norte-americanas inclusive nos países em desenvolvimento. Era o capitalismo introduzindo novas necessidades e práticas que viriam a exigir que o mundo se globalizasse, cobrando da Geografia e do geógrafo uma postura muito mais ativa frente às exigências do capital.

No intuito de propiciar a instalação e propagação das indústrias mundo a fora, a Geografia assumiu, então, um caráter rigorosamente científico, ocupando-se da observação, descrição e classificação dos elementos mensuráveis da natureza e da sociedade, sem estabelecer, no entanto, qualquer relação entre um e outro. Ou seja, as relações sociais eram desprezadas e a Geografia, enquanto disciplina empírica, obedecia à lógica do capitalismo.

Nesse contexto, geógrafos, cartógrafos, economistas e outros profissionais passaram a trabalhar para órgãos do governo, realizando o planejamento regional e territorial de modo a favorecer a alocação das filiais das empresas multinacionais; bem como o levantamento das áreas agrícolas existentes, organizando-as e reordenando-as para atender à crescente demanda populacional das cidades (RODRIGUES, 2008, p. 102).

Assim, a geografia escolar seguiu a mesma tendência, consolidando-se no estudo meramente descritivo e baseado na memorização, tal como afirmamos acima, caracterizando a chamada “Geografia Tradicional”.

Ainda conforme Rodrigues, todas as transformações políticas, econômicas, sociais, científicas, tecnológicas e filosóficas da época acabaram por ultrapassar os fundamentos positivistas, provocando uma crise na Geografia. É aí então que, a partir da metade do século XX, surgem movimentos de renovação da Geografia:

A renovação vai provocar a reflexão dos geógrafos sobre a natureza da Geografia, a reformulação de fundamentos científicos e filosóficos e a busca de novos caminhos. Podem-se agrupar as correntes geográficas, em termos esquemáticos, em Geografia Teórico-Quantitativa, fundamentada no neopositivismo; Geografia da Percepção e do Comportamento, com grande viés para a fenomenologia; Geografia Ecológica, sem viés filosófico explícito; e Geografia Crítica ou Radical, sob as bases da dialética materialista. (RODRIGUES, 2008, p. 105-106)

Com o advento da Geografia Crítica ou Radical, sob influência marxista, a partir da década de 1970, “as relações sociais e de produção e as relações sociedade-natureza na produção do espaço geográfico” (RODRIGUES, 2008, p. 121) passam a ser o foco da Geografia, considerando-se como objeto de estudo o espaço social. Segundo a nova concepção,

não basta explicar o mundo, é preciso transformá-lo. Nesse sentido, a Geografia ganhou conteúdos políticos que passaram a ser utilizados para a transformação da sociedade [...] Para o ensino, trouxe uma nova forma de interpretar as categorias geográficas espaço, território, região, paisagem, lugar [grifo do autor] e influenciou, a partir dos anos 1980, uma série de propostas curriculares voltadas para uma nova abordagem no ensino, nas escolas e universidades. As propostas foram centradas, principalmente, nas contradições da produção do espaço geográfico sob o capitalismo, evidenciando a desigual forma de apropriação e utilização dos

recursos naturais pela sociedade. Elas fundamentaram-se, principalmente, no materialismo histórico e na dialética materialista. (RODRIGUES, 2008, p. 121-122)

4.2. APROXIMAÇÕES ENTRE A GEOGRAFIA E O HIPERTEXTO

A partir das transformações descritas acima, a Geografia se aproximou de uma lógica hipertextual, ampliando seu campo de atuação e interesse e, conseqüentemente, o diálogo com outros campos do saber. Como ciência humana, ela passou a utilizar conhecimentos de várias outras áreas, como a biologia, a matemática, a física e a química, numa constante análise relacional do espaço social (RODRIGUES, 2008).

Assim, a Geografia Crítica concluiu que todos os acontecimentos do mundo estão situados em determinado tempo e espaço, porém, nenhum desses acontecimentos permanece isolado. Pelo contrário, podem repercutir em qualquer parte do globo, devendo a Geografia oferecer ferramentas que permitam compreender, refletir, criticar e transformar o espaço.

Compreender o lugar em que vive, permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem. Nenhum lugar é neutro, pelo contrário, é repleto de história e com pessoas historicamente situadas num tempo e num espaço, que pode ser o recorte de um espaço maior, mas por hipótese alguma é isolado, independente. (CALLAI, 2000, p. 84-85)

Nesse sentido, percebe-se a importância de uma educação hipertextual no tocante à Geografia Crítica contemporânea. Só o diálogo, a interação, o acesso a múltiplas fontes de informação e materiais, além da experimentação e vivência do aluno é que permitirá a ele um melhor entendimento sobre seu papel e importância no espaço e sobre as relações existentes entre os elementos e fenômenos que o circundam.

Parece fácil, porém, nem sempre esta prática é seguida pelos educadores. As escolas e os professores, de forma geral – não apenas em relação à Geografia, mas também a outras disciplinas –, tendem a complexificar precocemente o ensino dos conteúdos, tornando-os um “bicho-papão” para os alunos.

Desse modo, a Matemática, por exemplo, tão presente nas moedas que as crianças juntam para comprar doces e nos cálculos que elas mesmas fazem para poder distribuí-los a seus amigos, transforma-se precocemente em teoremas, abstrações, complicações. O mesmo acontece com a Geografia. Ciência esta presente no caminho que leva a criança da escola para casa; que nos permite mapear mentalmente os cômodos de um lugar; que nos faz pensar sobre

a relação que mantemos com o ambiente à nossa volta, mas que, na escola, muitas vezes transforma-se e se limita a listas desestimulantes de capitais, conceitos e conhecimentos “abstratos”.

Ao invés de se compreender o espaço próximo, exige-se que o aluno, hipoteticamente, se torne um especialista em fronteiras internacionais; reflita sobre os impactos ambientais da instalação de uma usina nuclear no Japão; ou identifique os principais rios da bacia hidrográfica europeia. Mas para quê tudo isso, se o estudante mal sabe dizer com quais cidades seu município faz limite, nem o significado, a importância ou a relação que isso pode ter com sua vida? Para quê falar sobre as águas poluídas de um rio do outro lado do mundo, se são as do riacho que corta a chácara onde o pai trabalha que estão insalubres?

De fato, não podemos ficar alheios aos acontecimentos do mundo – cada vez menor e mais rápido devido ao desenvolvimento das tecnologias comunicacionais. Mas, também, não podemos esquecer que os acontecimentos imediatamente ao nosso redor são reflexos de acontecimentos em toda parte do mundo, e vice-versa. Por isso, a realidade de vida do educando não deve ser desprezada, mas utilizada para ajudá-lo a compreender o espaço, os problemas e a história do mundo, no intuito de promover a reflexão e propor soluções.

[...] A escola não é o lugar da informação, mas da busca e da organização da informação no sentido da construção do conhecimento. Nomes de rios, de cidades, acontecimentos tais como a erupção de vulcões, a ocorrência de vendavais [...] são informações que fazem parte do dia-a-dia da maioria das pessoas. A grande questão [...] é auxiliar o aluno a organizá-las no sentido de entendimento sobre como tais processos naturais e fenômenos atingem a vida das pessoas. Os conteúdos da Geografia [...] são extremamente vastos e cada vez mais vão aumentando, o que significa que deve ser feita uma seleção destes, o que tem sido uma tarefa bastante árdua para os professores. (CALLAI, 2000, p. 101)

Nesse mesmo sentido, ao referir-se à utilização do mapa no ensino da Geografia, Lívya Oliveira (2007, p. 19) destaca que “o processo de mapeamento do espaço pela criança está inserido no processo geral do desenvolvimento, e em especial na construção do espaço.” Desse modo, os níveis de complexidade dos conteúdos escolares e da Geografia devem respeitar o desenvolvimento da criança.

[...] Como a história do desenvolvimento intelectual da criança é acompanhado pela história da socialização progressiva do pensamento individual da própria criança, a representação espacial gráfica aparece desde os primórdios de suas atividades sociais [...] Quando elas jogam em grupos, podemos constatar que traçam linhas imaginárias ou concretas para delimitar e separar as suas atividades e os seus territórios. O jogo é uma das ações concretas pelas quais se processa o desenvolvimento da criança em seu sentido mais amplo [...] O jogo e a imitação, como bem estudou Piaget, são os polos do equilíbrio intelectual [...] A conduta humana se apresenta sempre como uma adaptação ou mesmo como uma contínua

readaptação. Essa adaptação da criança ao mundo externo é realizada através dos processos de assimilação do meio e acomodação a ele. (OLIVEIRA, 2007, p. 20)

Portanto, é importante que o ensino da Geografia privilegie a relação da criança com o espaço à sua volta para, a partir daí, avançar progressivamente para assuntos e conteúdos mais complexos. Não de forma linear e unidirecional, mas de modo a estabelecer um contínuo vaivem entre informações simples e outras mais complexas, pois

É sempre conveniente reafirmar que os conteúdos em si são mais do que simples informações a serem apreendidas, eles devem significar a possibilidade de se aprender a pensar. No caso da Geografia, aprender a pensar através de conteúdos que lhe digam respeito, que lhe sejam específicos. Todas as atividades realizadas serão, então, no sentido de decodificar o espaço. (CALLAI, 2000, p. 89)

O professor deve, então, desenvolver junto a seus alunos atividades que estabeleçam alguma relação entre os conteúdos e suas experiências de vida. Para isso, pode-se utilizar um acervo variado de objetos e exemplos, bem como partes do corpo, tal como descreve Rosângela Almeida (1991, p. 45) referindo-se ao trabalho sobre o espaço, ao afirmar que “inicialmente, o aluno pode ser levado a estabelecer medidas com padrões de seu próprio corpo: palmos, pés, passos, etc., para chegar a unidades mais objetivas”.

Assim, aos poucos o aluno irá desenvolver as habilidades de abstração e reflexão, assimilando conceitos complexos como escala, proporções, representação, área, dentre outros elementos que constituem o estudo da Geografia. Neste ponto, a hipertextualidade tende a facilitar o trabalho do professor e a ampliar o desenvolvimento cognitivo do estudante, principalmente quando a interatividade for estabelecida, não apenas entre o professor, o aluno e os conteúdos de aprendizagem, mas também do estudante com o seu próprio espaço cotidiano. Pois, conforme afirma Lana Cavalcante (2008, p.73):

Todas as cidades educam, na medida em que a relação do sujeito, do habitante, com esse espaço é de interação ativa, e que suas ações, seu comportamento e seus valores são formados e se realizam com base nessa interação. Porém, a consciência dessa dimensão do espaço da cidade permite a definição de fins educativos, de projetos educativos baseados em concepções conscientes de mundo e de sociedade.

4.3. A HIPERTEXTUALIDADE SEGUNDO OS PCN

Elaborados pelo Ministério da Educação com o objetivo de orientar o trabalho do professor, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) constituem “uma proposta flexível, a

ser concretizada nas decisões [...] sobre currículos e sobre programas de transformação da realidade educacional” (BRASIL, 1997a, p. 13). Contudo, não se trata de um documento “fechado” e impositivo, mas de um conjunto de reflexões e apontamentos para a prática pedagógica, com vistas a estabelecer competências, habilidades e conhecimentos básicos a serem desenvolvidos ao longo da vivência escolar, da forma como melhor convier ao professor e à turma em questão.

Nesse sentido, os parâmetros contemplam princípios norteadores para o processo ensino-aprendizagem de cada uma das disciplinas que compõem o currículo do Ensino Fundamental, dentre as quais, a Geografia.

Ao referirem-se a este campo do saber, os PCN reforçam como objeto de estudo da Geografia as relações entre o processo histórico que regula a formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza, por meio da leitura do espaço geográfico e da paisagem. Além disso, mencionam como um de seus objetivos a “busca de explicações mais plurais” (BRASIL, 1997b, p. 72), capazes de promover a interseção da Geografia com outras ciências, como a Antropologia, a Sociologia, a Biologia, as Ciências Políticas, dentre outras.

No intuito de contribuir para a compreensão “processual e dinâmica” dos aspectos que constituem o espaço, os PCN destacam a importância de se considerar no ensino da Geografia para turmas de primeira a quarta séries (segundo ao quinto anos) as categorias mais apropriadas para esta faixa etária, respeitando-se suas características cognitivas e afetivas. Desse modo, propõem o estudo da paisagem, do território e do lugar.

Em uma definição inicial, os PCN estabelecem que o território deve ser entendido como a área de vida do sujeito, onde se processa o seu desenvolvimento. A paisagem, por sua vez, é a unidade visível. Já a categoria lugar, refere-se aos espaços com os quais as pessoas mantêm vínculos afetivos e subjetivos, tomando-os como referências para a percepção e constituição da paisagem e do espaço geográfico.

Nessa abrangência, a Geografia contribui para que se compreenda como se estabelecem as relações locais com as universais, como o contexto mais próximo contém e está contido em um contexto mais amplo e quais as possibilidades e implicações que essas dimensões possuem.

[...]

O estudo de Geografia possibilita, aos alunos, a compreensão de sua posição no conjunto das relações da sociedade com a natureza; como e por que suas ações, individuais ou coletivas, em relação aos valores humanos ou à natureza, têm consequências — tanto para si como para a sociedade. (BRASIL, 1997b, p. 76)

Desse modo, os PCN aconselham que se desenvolva o estudo da sociedade e da natureza de forma conjunta, a partir da observação, descrição, registro, experimentação,

representação, analogia, explicação e síntese, trabalhando-se o nível local e mundial não de forma hierárquica, mas em um contínuo vaivém relacional, e em níveis de complexidade progressivos (CALLAI, 2000).

Nesse processo, os Parâmetros Curriculares Nacionais reconhecem a importância e aconselham a utilização, no processo ensino-aprendizagem de Geografia, de uma gama de ferramentas e recursos, além da manutenção da interdisciplinaridade:

A Geografia, ao pretender o estudo dos lugares, suas paisagens e território, tem buscado um trabalho interdisciplinar, lançando mão de outras fontes de informação. Mesmo na escola, a relação da Geografia com a Literatura, por exemplo, tem sido redescoberta, proporcionando um trabalho que provoca interesse e curiosidade sobre a leitura do espaço e da paisagem. É possível aprender Geografia desde os primeiros ciclos do ensino fundamental pela leitura de autores brasileiros consagrados — Jorge Amado, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, entre outros — cujas obras retratam diferentes paisagens do Brasil, em seus aspectos sociais, culturais e naturais. Também as produções musicais, a fotografia e até mesmo o cinema são fontes que podem ser utilizadas por professores e alunos para obter informações, comparar, perguntar e inspirar-se para interpretar as paisagens e construir conhecimentos sobre o espaço geográfico. (BRASIL, 1997b, p. 78)

Assim, o uso de fotos comuns, fotos aéreas, filmes, gravuras e vídeos podem constituir importantes fontes de informação e de leitura do espaço e da paisagem. A essa lista poderíamos incluir ainda mapas, atlas, globos terrestres, plantas e maquetes; a realização de seminários, pesquisas e trabalhos apoiados em múltiplas linguagens; além da própria internet e sites que, de alguma forma, possam contribuir para a compreensão do espaço geográfico.

Os PCN frisam, ainda, que as noções de espacialidade e temporalidade podem ser trabalhadas mediante interface com outras áreas, tais como a Matemática, a Arte e a Educação Física, entre outras. Sendo que, durante todo esse processo e, principalmente, no primeiro ciclo do Ensino Fundamental, o estímulo e a intermediação de discussões entre os alunos são fundamentais para que possam aprender a compartilhar seus conhecimentos, formular perguntas, ouvir e confrontar opiniões, e se posicionar diante do grupo.

Percebe-se, nesse sentido, que a interação é amplamente recomendada no documento, assim como as demais características do hipertexto. Segundo os PCN, os alunos são, ou deveriam ser, motivados a interagir com o professor e com os objetos e objetivos da Geografia, de modo a favorecer sua crescente autonomia frente à busca de novas informações que lhes permitam ampliar aquelas que já possuem (BRASIL, 1997, p. 101)

5. GEOGRAFIA NA ESCOLA: COMO E ONDE ESTÁ O HIPERTEXTO?

Partindo do pressuposto de que a promoção de uma educação hipertextual nas escolas tende a favorecer o desenvolvimento de cidadãos autônomos na busca de novos saberes, recorreremos à pesquisa de campo no intuito de identificar se, e como a hipertextualidade está inserida no ambiente escolar e, mais especificamente, nas aulas de Geografia. Para isso, adotou-se como objeto de estudo duas turmas da Escola Classe n. 2 do Guará, no Distrito Federal, em períodos distintos de análise.

O estudo teve início no segundo semestre de 2010, em uma turma do quarto ano do Ensino Fundamental; prosseguindo no semestre seguinte, em uma turma do quinto ano.

Durante o período de pesquisa, tentou-se observar a presença de elementos hipertextuais visíveis nas salas de aula e na escola (tais como objetos e materiais diversos de apoio); a existência e utilização de tecnologias da informação e da comunicação; se a didática desenvolvida pelas professoras contemplava algumas das características do dialogismo bakhtiniano; além de destacar as atividades mais interessantes empreendidas pelas educadoras.

Antes de discorrer sobre cada um desses aspectos, apresentaremos, com intuito ilustrativo, as características físicas, administrativas e sociais da escola analisada.

5.1. O OBJETO DE ESTUDO

A Escola Classe n.º2 está localizada na QE 2, lote A, Área Especial, Guará 1. Construída e inaugurada em 1969, a instituição atende atualmente 372 crianças e adolescentes na faixa etária de 4 a 14 anos, em turmas regulares do Ensino Fundamental. A escola funciona de segunda a sexta-feira, nos turnos matutino (de 7h30 às 12h30) e vespertino (13h às 18h), oferecendo turmas do segundo ao quinto ano, distribuídas ao longo de oito salas de aula.

A instituição atende, predominantemente, alunos que residem nas Regiões Administrativas (RAs) Guará (compreendendo o Guará 1 e 2, e o Conjunto Habitacional Lúcio Costa), e Estrutural (Setor Complementar de Indústria e Abastecimento), além de moradores do Setor de Chácaras ASCHAGAS (Associação dos Chacareiros do Córrego

Guará e Adjacências).

Segundo consta no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, desde 2005, atendendo à Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96), a instituição tornou-se oficialmente inclusiva. E a partir de 2008, optou por tornar-se parcialmente⁵ “Escola de Tempo Integral”.

A Escola Classe n.º 2 possui uma área total de 3.600m², sendo 1.772m² de área construída. Em sua estrutura, a instituição dispõe de:

- 08 salas de aula (cada uma com capacidade para atender 35 alunos);
- 01 biblioteca/sala de leitura (destinada a projetos de incentivo à leitura, à escrita e à pesquisa; e às atividades de reforço escolar);
- 01 sala de informática (com capacidade para 20 computadores);
- 02 salas administrativas (onde funcionam a direção e a secretaria);
- 01 sala dos professores (no interior da qual há ainda uma copa e um banheiro feminino para as professoras);
- 01 sala de recursos (destinada ao atendimento dos alunos da educação inclusiva);
- 01 sala de orientação educacional;
- 01 cozinha e um depósito destinados à feitura e armazenamento da merenda;
- 01 depósito de materiais de limpeza;
- 01 depósito improvisado para os materiais pedagógicos;
- 02 banheiros infantis, e outros destinados a professores, auxiliares, visitantes e pessoas com necessidades especiais;
- 01 pátio coberto com capacidade para 150 pessoas (onde também funciona o refeitório);
- 01 área descoberta (pátio), no centro da escola;
- 01 parquinho infantil;
- 01 quadra de esportes;
- 01 horta (cujos produtos complementam a merenda escolar);

A arquitetura da escola está estruturada de forma quadrangular. Isto é, as salas estão dispostas ao redor de um grande pátio aberto, do qual se separa por uma cobertura de telhas de aproximadamente 2 metros, oferecendo sombra aos alunos durante as atividades realizadas fora da sala de aula.

Devido ao tamanho e às condições de conservação limitadas da quadra de esportes da escola, situada em uma das laterais do prédio, poucos professores a utilizam. Pois, além do pátio também poder ser usado para atividades recreativas e esportivas, alguns professores se utilizam de uma quadra pública, localizada aos fundos da instituição, para diversificarem as

⁵ Como instituição parcialmente integral, a Escola Classe n.º 2 disponibiliza o atendimento e acompanhamento em horário inverso ao de permanência em sala de aula, aos alunos que, por algum motivo, não têm como voltar para casa. Sendo assim, nas horas adicionais que permanecem no ambiente escolar, os alunos recebem reforço pedagógico, praticam atividade física ou, às vésperas de datas comemorativas, participam do grupo teatral.

atividades, principalmente de Educação Física.

A Escola Classe n.º 2 do Guará I possui um corpo de 50 funcionários, distribuídos em cargos e funções administrativas, docentes e de apoio; além de contar com estagiários, voluntários e bolsistas do Programa Bolsa Universitria⁶, do Governo do Distrito Federal (GDF):

Tabela 1: Quadro de funcionários – quantitativo por funções

Diretora:	01
Vice-diretora:	01
Supervisora pedagógica:	01
Supervisora administrativa:	01
Chefe de secretaria:	01
Orientadora educacional:	01
Coordenadora pedagógica:	01
Equipe de apoio:	01 psicóloga e 01 auxiliar
Apoio  direção:	01
Corpo docente:	19
Carreira Assistencial:	17
Outras funções:	04

⁶O Bolsa Universitária é um programa do GDF que oferece Bolsas de Estudo a alunos sem condições de custear a sua formação superior. Os alunos selecionados recebem um benefício de 70% do valor da mensalidade. Em troca, o aluno deve prestar serviços num total de 4 horas semanais em atividades a serem definidas pelo Governo do Distrito Federal, recebendo para isso o vale transporte. Disponível em: << http://www.sedest.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE=11563#ancora1>> . Acesso em: 01 jun 2011.

5.2. RECURSOS PEDAGÓGICOS E HIPERTEXTUAIS OBSERVÁVEIS

Fundamentadas em princípios morais, éticos e sociais, as práticas educativas da Escola Classe n. 2 do Guará, de modo geral, buscam uma aproximação constante com as famílias dos alunos e com suas experiências de vida. Todas as manhãs, antes de entrarem nas salas de aula, os alunos são recepcionados no pátio da escola, onde realizam o momento cívico, fazem uma oração, e ouvem eventuais recados repassados pela diretoria da escola.

É nesse mesmo pátio que acontece o recreio dos estudantes. Localizado ao centro do terreno, este espaço é circundado pelas salas de aula e pelas salas administrativas, e, também, por uma série de brinquedos, como mesa de pingue-pongue, cestas de basquete e amarelinha. E embora a brincadeira seja considerada, em muitas situações, um elemento lúdico de aprendizagem, o ato de correr no pátio da instituição – ainda que como prática de alguma brincadeira – é extremamente proibido aos alunos, o que, de certa forma, contraria os princípios do ensino da Geografia, segundo os quais seria esta uma ótima prática para permitir ao educando explorar o espaço à sua volta.

Já na sala de aula, os recursos pedagógicos são mais perceptíveis. Recentemente, haviam sido instalados em cada uma das salas uma TV digital e um aparelho de DVD. Além disso, cada professora dispõe de um armário para guardar materiais, livros e demais ferramentas que possam ser utilizados durante as aulas.

Também estão disponíveis mapas; painéis dos sistemas circulatório, respiratório, digestivo, excretor e reprodutor; cartazes produzidos pelos próprios alunos e outros contendo a tabuada de multiplicação, a lista de números cardinais por extenso, o calendário anual com a marcação dos aniversariantes de cada mês, dentre outros assuntos e temas; além de uma escala geográfica indicando a localização da escola no universo, na seguinte ordem: Via Láctea > Sistema Solar > Planeta Terra > Continente Americano > Brasil > Região Centro-Oeste > Distrito Federal > Guará > Escola Classe n. 2 > Sala 9 (em referência ao 5º ano).

Além disso, cada sala contém um gaveteiro do Programa Ciência em Foco⁷, uma caixa de livros e uma caixa de brinquedos, podendo o professor recorrer, também, à Sala de

⁷O Ciência em Foco é um programa da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, voltado ao ensino e à aprendizagem das Ciências Naturais no Ensino Fundamental – 1º ao 9º ano. Organizado em temas que contemplam as diversas áreas das Ciências Naturais – Biologia, Ciências da Terra, Química, Astronomia, Física e Tecnologia – o Programa segue a metodologia investigativa e disponibiliza aos professores livros e materiais para experimentação (modelos, réplicas, jogos, filmes, seres vivos, reagentes etc.), que ficam armazenados nas salas de aula em um “gaveteiro” exclusivo, para a pronta utilização, em cada uma das escolas

Recursos Pedagógicos; à biblioteca da escola; aos computadores da sala de informática; ou à diretoria da instituição, onde podem dispor de uma máquina fotocopadora, papéis e outros materiais que, eventualmente, possa vir a utilizar em suas aulas.

Mais importante do que a disponibilização desses materiais, no entanto, é a capacidade de o professor saber utilizá-los de maneira apropriada, estabelecendo conexões entre conhecimentos já assimilados pelos alunos, aproveitando-se, inclusive, de situações inusitadas, como a ocorrida durante o primeiro dia de nossa pesquisa de campo.

Naquela manhã, ao apresentar-me à turma e dizer que meu nome era de origem Árabe, alguns alunos perguntaram o que aquilo significava. Após a explicação, eles retorquiram: “e onde fica a Arábia?” A professora, então, abriu imediatamente o mapa Mundi que estava guardado sobre o armário e apontou para um ponto específico, indicando, em seguida, onde estava a China, país sobre o qual haviam conversado anteriormente, quando se referiam ao país de nascimento dos pais de uma das alunas daquela turma.

5.3. OS RECURSOS TECNOLÓGICOS

Embora a Escola Classe n. 2 disponha de recursos tecnológicos invejáveis – afinal, nem todas as escolas públicas dispõem de aparelhos de TV e DVD, nem de salas de informática equipadas com computadores – a utilização dessas ferramentas na instituição, conforme o previsto, não é uma prática comum.

Conforme afirmam Dias e Pires (S/D), a tradição educacional ainda privilegia a palavra em detrimento das demais linguagens e, mesmo a televisão – que constitui um meio barato, acessível e que não exige conhecimentos técnicos para o uso – não é explorada nem usada com a frequência que caberia.

[...] No âmbito da Educação, a experiência com as culturas eletrônicas é algo que, para a escola, muitas vezes representa um “atentado a sua autoridade”. E isso se deve muito ao fato de que um número expressivo de professores não sabe lidar com os códigos audiovisuais, não sendo possível estabelecer uma conexão com dimensões-chave da vida dos adolescentes (DIAS; PIRES, S/D, p. 8).

Foi o que pudemos constatar na Escola Classe n. 2 do Guará onde, além do despreparo das professoras, identificamos também certa desmotivação quanto à logística. As TVs, de tela

plana, com conversor digital e funcionalidades múltiplas, foram instaladas sem que os professores recebessem qualquer treinamento quanto à sua utilização. Presas à parede e envoltas por uma grade fechada a cadeado, para evitar furtos, as TVs, para serem utilizadas, necessitam do acompanhamento de alguma das funcionárias da secretaria, que deve ir à sala para abrir o cadeado do aparato e, assim, liberar o uso dos aparelhos e dos controles remoto.

Para piorar, a falta de familiaridade com a linguagem audiovisual e de entrosamento entre os professores também se torna um empecilho. Em uma das vezes que presenciamos o uso da TV e do DVD, os aparelhos não suportavam o formato do arquivo levado pela professora.

Em outra ocasião, a professora da turma pediu que a monitora da sala de informática selecionasse vídeos sobre o sistema circulatório para serem apresentados em classe. Porém, ao transmiti-los, os vídeos, devido à sua complexidade, demonstraram-se inapropriados aos alunos daquela faixa etária. Além disso, estavam em inglês e as legendas, por estarem pequenas e passarem rápido demais, impossibilitaram a compreensão dos alunos.

Somente em um terceiro momento, durante a aula de História, quando a professora exibiu o filme “1492 - A Conquista do Paraíso” para contextualizar a ocupação do território americano pelos europeus, é que se conseguiu alcançar um resultado satisfatório quanto à utilização da TV e do vídeo em sala de aula.

Embora o laboratório de informática possua computadores para todos os alunos e esteja equipada com acesso à internet, durante todo o tempo de observação na escola constatamos a realização de apenas uma aula naquela sala para as turmas analisadas, apesar de estar prevista pelo menos uma utilização por semana. De todo modo, a referida aula durou aproximadamente 1h15 e consistiu, basicamente, na realização de jogos pedagógicos nos quais explorava-se conhecimentos sobre as quatro operações fundamentais de matemática, e sobre os sistemas circulatório, respiratório e digestivo.

O rádio⁸, por sua vez, demonstrou ser o recurso tecnológico amplamente mais utilizado durante as aulas. Já no primeiro dia de observação na escola, o aparelho foi usado em uma aula de Língua Portuguesa para apresentar a música “Metamorfose ambulante”, de Raul Seixas. Durante a atividade, a professora contextualizou a letra, situando-a no tempo e dizendo que havia decidido trabalhá-la em sala após ouvi-la sendo cantada por um dos alunos

⁸ Referimo-nos a rádio como sendo um aparelho de som no qual é possível ouvir músicas contidas em um CD (mídia) e, também, transmissões radiofônicas das empresas de radiodifusão.

daquela turma; contou a história de vida do compositor, explicando sua importância na Música Popular Brasileira; aproveitando-se, ainda, para abordar a questão das drogas⁹.

A partir da canção, a professora trabalhou a interpretação das palavras e do texto, buscando relações com outras disciplinas, como Ciências (por meio da referência à palavra “metamorfose”, contida na música), além de trabalhar aspectos sobre educação moral, consciência ecológica e vida em sociedade. A intertextualidade também foi promovida com a utilização de dicionários. Aliás, ambas as professoras acompanhadas durante a pesquisa tinham o costume de não apresentar o significado das palavras, mas de auxiliar o aluno a consultar esta fonte de referência sempre que surgia alguma palavra desconhecida, no intuito de incentivar a busca de conhecimentos.

Além da utilização do rádio como ferramenta de apoio à apresentação de conteúdos disciplinares, o aparelho era usado quase diariamente pela professora do quinto ano, como forma de “tranquilizar” os alunos, quando voltavam eufóricos do recreio e, também, para a realização de apresentações musicais durante ocasiões festivas, tais como Páscoa, Dia das Mães e Natal.

Outra utilização de recurso tecnológico foi realizada durante a aula de Artes, por uma professora substituta. De posse de um notebook e um aparelho projetor visual (Datashow), a professora apresentou obras de artistas do modernismo brasileiro, antecipando quadros e esculturas que veriam na semana seguinte, durante visita a uma exposição no Palácio do Planalto. A experiência em sala de aula despertou a atenção e interesse dos alunos, porém, não tanto quanto o passeio à mostra. Afinal, nenhuma experiência intermediada pelas ferramentas computacionais e tecnológicas consegue substituir as experiências práticas vividas e sentidas presencialmente pelo indivíduo.

5.4. NEM SÓ DE TECNOLOGIAS VIVE O HIPERTEXTO

Quando considerado o ensino da Geografia propriamente dito, a utilização de recursos para este fim limitava-se basicamente aos mapas, globo terrestre, e eventuais elaborações de

⁹Raul Seixas teve sérios problemas com alcoolismo. Durante um período de depressão, afundou-se nas drogas. Morreu em agosto de 1989, vítima de uma parada cardíaca.
Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Raul_Seixas>. Acesso em: 13 jul. 2011

desenhos. Por outro lado, o livro¹⁰ adotado na turma propunha o estudo da Geografia relacionado à cultura, o que possibilitava a exploração dos conteúdos relacionando-os diretamente à realidade sócio-histórica do Distrito Federal.

Nesse sentido, além das contínuas discussões em sala, a professora afirmou ter realizado com as crianças visitas ao Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal e a outros espaços públicos da cidade. Tais possibilidades, segundo ela, teriam facilitado significativamente o entendimento das crianças sobre as particularidades da Geografia do DF, diferentes de todas as outras do país no tocante aos aspectos políticos e territoriais – visto que é o único distrito da Federação, não dispõe de cidades autônomas, nem está dividido em bairros.

Ainda em relação ao ensino da Geografia, as observações que empreendíamos para este trabalho revelaram uma busca contínua pela interdisciplinaridade. Dessa forma, ao comparar a população futura prevista para o DF com a população efetiva dos dias atuais, por meio da leitura de tabelas a professora explorou a questão da existência de casas decimais (classes e ordens); números multiplicadores; valor absoluto e relativo; números romanos; dentre outros conteúdos da Matemática.

A “leitura” das imagens de diferentes épocas, apresentadas no livro, também foi realizada de forma minuciosa. Em uma foto preto-e-branco, a professora abordou a temporalidade do fato e as características das residências do Núcleo Bandeirante (feitas de madeira) na época da construção de Brasília. Em outra foto, colorida, apresentava-se uma família de migrantes caminhando pela Esplanada dos Ministérios e carregando uma trouxa de roupas sobre as costas.

Desse modo, abordou-se a relação do inchaço populacional com a má qualidade de vida e demais problemas urbanos; a influência política nas questões sociais; a importância da qualificação profissional; bem como a “vergonhosa corrupção que assola o país”, conforme definiu a professora.

No período de realização da pesquisa, vivia-se no Brasil o período eleitoral de 2010, além de ter estreado recentemente nos cinemas o filme *Tropa de Elite 2*. Ao consultar os alunos e verificar que a maioria deles já o havia assistido, optou por relacioná-lo ao conteúdo que estava sendo ministrado. Alguns dias depois, a temática social voltaria a ser trabalhada, desta vez, com a utilização das notícias contidas na edição do jornal *Correio Braziliense* de 1º de dezembro de 2010.

¹⁰ AMARAL, Bianca; FERREIRA, Domingos. **Distrito Federal: geografia e cultura**. São Paulo: FTB. 2008.

Os passeios pedagógicos – de modo geral e não apenas relacionados à Geografia – são bastante frequentes na Escola Classe n. 2 do Guará. A instituição considera importante a ambientação dos estudantes em relação ao DF, porém, como as saídas de campo costumam ser realizadas coletivamente, envolvendo toda a escola, nem sempre é possível estabelecer relações entre os conteúdos disciplinares e as visitas a pontos turísticos, órgãos públicos, exposições e festivais culturais.

Aberta à sociedade e aos projetos educacionais, a escola mantém parcerias com órgãos diversos, como a Polícia Militar e os Bombeiros, o que possibilita a realização de palestras, apresentações teatrais e o desenvolvimento de campanhas ao longo de todo o ano.

Nesse sentido, a multiplicidade de vozes como característica do hipertexto demonstra-se fortemente presente na escola. Não apenas devido à realização dessas atividades, mas, principalmente, no interior das salas de aula, a partir da interatividade mantida entre as professoras e os alunos.

Para a correção dos exercícios, por exemplo, ambas as educadoras costumavam chamar estudantes à frente da turma para, coletivamente, resolverem na lousa os exercícios propostos. Por vezes, dava-se à atividade um caráter competitivo, confrontando meninos e meninas, premiando a equipe que obtivesse melhores resultados.

Durante a leitura de textos, também se priorizava a participação coletiva. Assim, diante de cada dúvida que surgia, todos podiam expressar-se, expondo suas opiniões e experiências, favorecendo a diversidade de pontos de vista, o diálogo contínuo e, conseqüentemente, a construção do conhecimento.

Mais uma vez percebemos que a utilização de recursos tecnológicos e computacionais nem sempre é essencial para a promoção de uma educação hipertextual. Outro exemplo disso pôde ser observado durante a realização de uma aula de Matemática sobre frações.

Na ocasião, ao apresentar o tema da aula, a professora lembrou com os alunos os tipos de números que já haviam estudado até então (ordinais, cardinais e multiplicadores), perguntando, em seguida, se sabiam o que era “fração”. Diante da negativa de todos, pediu aos alunos que pesquisassem no dicionário.

Após encontrarem o significado, a professora pôs sobre a mesa dois pacotes de pão de forma, um pote de geleia e duas caixas de chocolate Bis. Aproveitando-se da curiosidade dos alunos e do interesse que demonstraram pelos alimentos, utilizou esses últimos para explicar o fundamento das frações, o que facilitou o entendimento por parte dos estudantes.

Desse modo, a professora abriu o pacote, explicitando a ideia de um inteiro; contou as unidades e dividiu com os alunos, sempre perguntando a eles quanto a parte entregue e quanto

o que havia sobrado representavam em fração. O mesmo foi feito com os pães. Após o “lanche”, a professora distribuiu os livros de Matemática, reforçou a explicação do conteúdo e pediu que os alunos resolvessem os exercícios.

Alguns dias depois, com a aproximação do Natal e diante da necessidade de se trabalhar produção de textos, a professora propôs aos alunos escreverem cartas para o Papai Noel. Durante a apresentação da proposta, conversou-se sobre o fato de Papai Noel ser uma lenda e de as cartas deixadas nos Correios serem selecionadas por pessoas comuns, no intuito de presentear crianças desconhecidas com a chegada do Natal.

Após a escrita, correção e transcrição das cartas, as mesmas foram levadas aos Correios pelos próprios alunos. Na agência, a professora explicou sobre o funcionamento dos Correios e a substituição progressiva das cartas tradicionais pelas mensagens eletrônicas, fruto das novas tecnologias comunicacionais.

No dia seguinte, um texto informativo sobre a “Tartaruga-de-pente” foi utilizado para se trabalhar ecologia, respeito ao meio ambiente e responsabilidade social. Nesse sentido, a professora resgatou a experiência do dia anterior quando, voltando da Agência dos Correios, pararam para apreciar um Flamboyant; trabalhou a importância dos nomes científicos das espécies para o desenvolvimento da ciência, citando como exemplo o encalhamento de baleias no litoral brasileiro havia poucos dias, e o trabalho conjunto de cientistas, em vários locais, para solucionar o problema. Em seguida, como tarefa de casa, a professora solicitou aos alunos que pesquisassem na internet informações sobre a tartaruga-de-pente para montarem um painel informativo.

Outra experiência pedagógica que demonstrou-se bastante eficiente, mesmo não fazendo uso de recursos tecnológicos, aconteceu durante uma aula de Ciências sobre o sistema digestivo. Na ocasião, a professora colocou sobre a mesa placas contendo os nomes dos órgãos que constituem o referido sistema (boca, faringe, esôfago, estômago, intestino delgado, intestino grosso e ânus). A seguir, convidou um dos alunos a se aproximar para simular a primeira etapa da digestão (a mastigação), ocorrida na boca. Para isso, trituraram um pedaço de papel higiênico, misturando-o com água (usada para representar a saliva), depositando-o sobre um recipiente. Em seguida, o suposto “bolo alimentar” que havia sido formado passou pela faringe e chegou ao estômago – ambos representados por uma das placas. De lá, a substância seguiu para os órgãos seguintes, até chegar ao recipiente que representava o ânus e, então, ser despejado no “vaso sanitário” (representado pela lixeira).

Durante a atividade, os alunos mantiveram-se atentos, respondendo à professora na medida em que eram perguntados sobre o conteúdo em questão.

Apesar de a pesquisa na Escola Classe n. 2 ter revelado certa carência quanto à utilização de recursos tecnológicos, o estudo indicou que a criatividade e a busca contínua da interação professor-aluno-conteúdos conseguem satisfazer as necessidades educativas no ambiente escolar.

De todo modo, faz-se necessário aos professores refletir sobre sua prática docente, no intuito de promover uma educação hipertextual fundamentada em outras características do dialogismo bakhtiniano.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o objetivo central deste trabalho fosse analisar o hipertexto como estratégia pedagógica no contexto da Geografia, o fato de a carga horária desta disciplina ser muito inferior à das outras acabou por exigir uma análise mais ampla da temática. Isso porque, devido à indefinição de horários específicos para a realização das aulas de Geografia, o processo de observação acabou prejudicado.

Dessa forma, optamos por continuar nesta linha de abordagem, porém, referindo-nos ainda a outras disciplinas que compõem o currículo das séries iniciais do Ensino Fundamental. Sem acreditar, no entanto, que esta decisão pudesse influir negativamente no trabalho. Afinal, a pesquisa demonstrou que as práticas pedagógicas desenvolvidas pelas professoras do quarto e quinto anos da Escola Classe n. 2 do Guará não diferiam de uma disciplina para a outra no tocante à hipertextualidade.

Durante a pesquisa, constatamos que o hipertexto, como evento comunicacional, estava presente nas atividades empreendidas nas salas de aula, ainda que não privilegiasse o uso de ferramentas tecnológicas. Na realidade, a abordagem hipertextual pelas professoras fundamentava-se basicamente na interação educador-aluno-conteúdos e na interconexão de assuntos e disciplinas múltiplas, realizadas de forma verbal.

Claro que as ferramentas comunicacionais como o rádio, a TV, o DVD player e o computador também eram usados no intuito da hipertextualidade. Porém, a relação dos professores com os aparatos tecnológicos não demonstrou ser a mais harmônica possível.

Por outro lado, não podemos deixar de reconhecer que a interação, o dialogismo e a polifonia se fizeram presentes durante quase todas as práticas pedagógicas observadas. Nesse sentido, a articulação dos conteúdos estudados a elementos culturais observados no cotidiano das crianças também foi decisiva para a promoção de uma educação significativa. Além disso, o livro, que acreditávamos ser uma das principais e favoritas ferramentas de ensino-aprendizagem do professor, na prática, era pouco utilizado.

Diante do exposto, concluímos que o hipertexto, de fato, pode e deve constituir uma estratégia pedagógica na medida em que amplia, de maneira rizomática, o acesso à informação, mesmo quando não se recorre à utilização massiva das tecnologias de informação e comunicação. Para isso, no entanto, é preciso que o educador assuma uma postura ativa e busque incrementar suas aulas com materiais alternativos; estabeleça relações entre diferentes

meios e informações; desenvolva atividades que despertem o interesse dos alunos e cujos conteúdos lhes façam sentido.

Afinal, por mais que se reconheça as vantagens da utilização de recursos comunicacionais e tecnológicos no processo ensino-aprendizagem, e que os consideremos ferramentas facilitadoras para a promoção da hipertextualidade nas aulas, deve-se lembrar que nem sempre tais recursos existiram. E que ao longo da história, nem por isso, deixou-se de desenvolver aulas interessantes e significativas, permitindo ao aluno transformar informação em conhecimento.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Vygotsky, quem diria?!**: Em minha sala de aula: Fascículo 12. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

ALMEIDA, Rosângela de; PASSINI, Elza Y. **O Espaço geográfico: ensino e representação**. São Paulo: Ed. Contexto, 1991. p. 15-41.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997a.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia. Ensino de primeira à quarta série**. Brasília: MEC/SEF, 1997b.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 83-134.

CAVALCANTE, Lana de Souza. Uma geografia da cidade: elementos da produção do espaço urbano. In: _____. **A geografia escolar e a cidade: ensaio sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas: Papirus, 2008. p. 63-80.

CHAVES FILHO, Helio. **Educação hipertextual: Por uma abordagem dialógica, polifônica e intertextual**. Brasília, 2003. p. 30-46. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Prefácio. In: MELO, José Marques de Melo; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

DIAS, Angela Correia; ANTONY, Geórgia. **Educação hipertextual: a ação e a diversidade como materiais didáticos**. In: FIORENTINI, Leda Maria; COSCARELLI, Carla. A nova aula de Português, *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, mar/abr, 1999.

_____; MOURA, Karina da Silva. **As teias sociais e culturais do conhecimento sob a ótica bakhtiniana**. 2007. Disponível em: http://www.cult.ufba.br/enecult2007/AngelaACorreiaDias_KarinadaSilvaMoura.pdf. Acesso em: 28 jun. 2011.

_____; _____. **O fio do dialogismo na (re)construção do conhecimento em rede: uma concepção bakhtiniana dos processos de comunicação na prática pedagógica**. In: ALVES, Lynn; SANTOS, Edméa (Org.). *Práticas pedagógicas e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: E-papers. 2006. p. 77-88.

_____; PIRES, Eloiza Gurgel. **Meios: entrelaçamentos entre linguagens e diversidades culturais**. (Em fase de elaboração). S/D

_____; SANTOS, Geraldo Severino dos. **Hipertextos educacionais:** relativizando o meio eletrônico. In: Educação Unisinos. Volume 9, número 3, set/dez 2005. p. 214-218. São Leopoldo. Disponível em:
<http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/public_cient_vol9n3/art03_dias_santos.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2011.

DIAS, Cláudia Augusto. **Hipertexto:** evolução histórica e efeitos sociais. Ci. Inf., Brasília, v. 28, n.3, Dec. 1999. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19651999000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 7 jul. 2011.

FILHO, Otávio; PELEGRINO, Egnaldo. História do Hipertexto. In: LEMOS, André (Coord.). Hipertexto: uma experiência coletiva e hipertextual. Desenvolvido pela Universidade Federal da Bahia, 1998. Apresenta trabalhos de alunos do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea. Disponível em:
<<http://www.facom.ufba.br/hipertexto/historia.html>>. Acesso em: 2 set. 2005.

JACQUINOT-DELAUNAY, Geneviève. Convergência tecnológica, divergências pedagógicas: algumas observações sobre os “nativos digitais” e a escola. In: BARBOSA, Marialva; FERNANDES, Márcio; MORAIS, Osvando José de (Org.). **Comunicação, educação e cultura na era digital.** São Paulo: Intercom, 2009. (Coleção Intercom de Comunicação, n. 23)

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986.

MELLO, Suely Amaral. A escola de Vygotsky. In: CARRARA, Kester (org.). **Introdução à Psicologia da Educação:** seis abordagens. São Paulo: Avercamp, 2004. p. 135-155.

OLIVEIRA, Lívia. Estudo metodológico e cognitivo do mapa. In: ALMEIDA, Rosângela D. de (Org.); **Cartografia escolar.** São Paulo: Contexto, 2007. p. 15-41.

OLIVEIRA, Martha Kohl. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 1997. (Coleção Pensamento e Ação no Magistério)

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. 2.ed. São Paulo: Atlas. 2011.

RESINA, Cristiana. **Vannevar Bush.** In: CITI. Centro de Investigação para Tecnologias Interactivas. Desenvolvido pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. Disponível em:
<http://www.citi.pt/homepages/espaco/html/vannevar_bush.html>. Acesso em: 28 jun. 2011.

REZENDE, Afonsina Maria Guersoni. **Hipertexto:** tramas e trilhas de um conceito contemporâneo. 2000. Disponível em:
<http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/bitstream/123456789/574/1/v.10_n.1_2000_1.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2011.

RODRIGUES, Auro de Jesus. Geografia Contemporânea. In: _____. **Geografia:** introdução à Ciência Geográfica. São Paulo: Avercamp, 2008, p. 96-127.

VALDÉS, Maria Teresa Moreno. A educação especial na perspectiva de Vygotsky. In: MAGALHÃES, Rita de Cássia Paiva et al. (Org.). **Reflexões sobre a diferença:** uma introdução à educação especial. 2ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha , 2003.

ANEXO

Conforme descrevemos na parte inicial deste trabalho, apresentamos a seguir a íntegra dos registros diários realizados nos períodos de 08 de outubro a 03 de dezembro de 2010 e de 01 de abril a 29 de junho de 2011, durante a realização da observação participativa nas turmas do quarto e quinto ano do Ensino Fundamental da Escola Classe n. 2 do Guará 1.

Trata-se de relatos pessoais, realizados a partir da observação da prática pedagógica das professoras titulares das turmas analisadas, do desempenho e envolvimento dos alunos nas atividades propostas, bem como da observação do ambiente escolar como um todo.

Devido à aleatoriedade na qual os registros foram realizados, não houve qualquer padronização nem critério específico para elaboração dos textos que seguem. Assim, poderão ser observados ora relatos descritivos, ora comentários analíticos, ora comentários simplesmente empíricos.

Desse modo, embora tenha fundamentado a elaboração deste trabalho, o anexo, neste momento, tem caráter simplesmente ilustrativo, ainda que possam ser identificadas informações complementares que não puderam ser incluídas no texto da monografia.

**ANOTAÇÕES GERAIS REALIZADAS DURANTE O PERÍODO DE
OBSERVAÇÃO PARTICIPATIVA NA TURMA DO 4º ANO “A”**

1/1
Brasília, 08 de outubro de 2010 (sexta-feira)

Exc. Classe nº 2 - Guará I

Prof. Rosilene

Série: 3ª Série (4º ano "A", sala 1)

- Os alunos se reúnem no pátio antes de entrarem p/ a sala de aula.
- A coordenadora repassa avisos e chama alguém p/ fazer a oração. Inicia-se com uma prece espontânea, seguida do "Pai Nosso"
- O que me chamou a atenção foi o fato de a coordenadora proibir os alunos de correrem no pátio antes da aula ou no recreio p/ não "ficarem fedidos" nem se machucarem.
- A profª informou que a faxineira caiu e, por isso, as mesas estavam sujas. Então, buscou pano e sabão p/ limpá-las.
- Quantidade de alunos: 24 (13 meninas e 11 meninos)
- Eu não fui ~~apenas~~ apresentada à turma. Ao entrar, a profª me deixou livre p/ sentar-me onde quisesse. Prefiri sentar-me ao fundo da sala. Mesmo assim as crianças ficaram curiosas em saber quem era aquele visitante e o que fazia ali.
- Num segundo momento, a professora me chamou à frente p/ apresentar-me. Disse meu nome e até quando eu ficaria na escola. Em seguida, fui "bombardada" com perguntas: se era casada, se tinha carro, onde nasci, o que eu estudava, o que era Pedagogia, onde eu morava, etc.

* Aula de Matemática

* Tema: Divisão

* Habilidades: entender o processo de divisão, diferenciar o nome dos termos, efetuar a "prova real"

→ A professora escreveu equações de divisão no quadro e, com a participação dos alunos, ia desenvolvendo o cálculo.

Os alunos sabiam diferenciar a ordem (unidade, dezena, centena, unidade de milhar...); os termos (dividendo, divisor, quociente e resto); quando a divisão era impossibilitada, a professora dizia ser necessário "informar ao quociente", com o uso do "zero", a necessidade de se deixar um número da casa seguinte.

→ A princípio, a professora não usou livros. As equações e problemas (propostos em seguida) eram criados por ela mesma.

→ Alguns alunos pediram folha de rascunho p/ realizar os cálculos.

→ Os alunos sentam-se dois a dois, em fila. Apenas duas meninas preferiram sentar-se sozinhas. Um menino sentou com uma menina. Os demais sentaram-se: 5 duplas masculinas; e 5 duplas femininas.

→ P/ manter a ordem, a professora troca os alunos de lugar quando eles estão começando a trabalhar.

→ Organização da escola: o recreio acontece por volta das 9h30. Ao voltar p/ a sala, por volta das 10h os alunos lancham. E por volta

das 10h20 escovam os dentes

→ Devido ao feriado, houve tarefa de casa.

→ A professora pediu p/ ajudar o Douglas, que parece ter déficit de atenção. Em seguida, vários alunos também pediram ajuda.

→ O primeiro uso de recurso audiovisual aconteceu por meio da música "Metamorfose Ambulante" de Raul Seixas.

→ A professora contextualizou, contando a vida do cantor, abordou a temática das drogas, situou no tempo, disse que decidiu pela música ao ouvi-la sendo cantada por um dos alunos e por ela não ser da época dele.

→ A partir da música a professora trabalhou interpretação das palavras e do texto; resgatou o sentido das palavras contextualizando a disciplina de ciências (metamorfose → borboleta), focalizou na moral da história, educando para a vida em sociedade (responsabilidade social, respeito, consciência ecológica e contra as drogas; iniciativa).

→ O discurso da professora remete p/ uma educação emancipatória, consciente e cidadã.

* Enquanto eu me apresentava, quando me perguntaram onde ficava a Arábia, local de origem do meu nome, a prof. logo pegou um mapa mundi em cima do armário, e abriu e mostrou aos alunos a localização.

1 / 1

Brasília, 13 de outubro de 2010

Esc. Classe nº 2 - Guará I / Profª Rosilene / 3ª série A

→ Os alunos reuniram-se no pátio, como de costume, mas a recepção foi feita por outra professora. Ela fez a leitura de uma oração seguida do Pai Nosso.

A
U
L
A
→ A profª da 3ª série não costuma participar. Fica esperando na porta da sala.

D
E
P
O
R
T
U
G
U
Ê
S
→ O uso do dicionário costuma ser valorizado, sempre que uma palavra desconhecida é encontrada. A palavra de hoje é "escassez", encontrada em um exercício da pág. 138 do livro de Português:

* Língua Portuguesa - 4º ano / Pensar e Viver / Cláudia Miranda, Eliete Pusta / São Paulo: Ática, 2008

→ A profª comentou durante a explicação do texto já ter levado a turma ao Instituto Histórico e Geográfico^(IHG), que outro dia, ao trazer o globo terrestre da biblioteca ele não estava funcionando pq alguém o estragou; que no IHG algum aluno talhou o nome da escola particular em um dos objetos do Instituto.

→ Nova palavra pesquisada no dicionário: demanda

→ Quando entramos na sala, todas as mesas estavam organizadas duas a duas. Enquanto fui perguntar à professora se podia pegar qual-quer uma, dois alunos se adiantaram, pegaram uma mesa e uma cadeira e as colocaram no lugar onde eu tinha ficado na aula anterior.

1 / 1
→ Os alunos respondem às questões do livro no caderno.

→ Segundo a prof, os alunos deveriam "adaptar" dois vasos p/ cuidarem no pátio da escola.

→ Ao colocar a data no quadro, a prof^a escreveu: "Guará, 13 de outubro de 2010", fazendo referência ao local.

→ A prof. sempre tenta resgatar textos, atitudes e estudos anteriores, feitos em sala.

→ Durante a explicação, a professora fez referência ao entupimento das bocas de lodo "lá em Brasília".

→ A prof^a sempre valoriza a participação dos alunos, ouvindo-os atentamente.

→ Quando perguntei à prof. se havia dia específico para se trabalhar geografia ela disse que não. E que o conteúdo era trabalhado de forma multidisciplinar / transdisciplinar.

→ "Lá na Asa Sul, em Brasília", disse a prof.

→ Ao meu ver, perde-se muito tempo no lanche e nos momentos pré e pós intervalo (recreio), ^{exercícios dos dentes}

→ Em homenagem ao dia das crianças, a prof. preparou, como lembrancinha, um pacotinho contendo uma lapizeira e um pirulito.

→ Os alunos da escola se reuniram no pátio p/ assistir a uma apresentação do grupo de teatro da PMDF sobre a preservação do cerrado. Grande parte dos alunos disseram já ter assistido à peça, mas todos se empolgaram em vê-la de novo.

→ Ao voltarem para a sala, a professora pergun-
tou aos alunos o objetivo da apresentação
que viram, explicando o trabalho da PMDF
e sua importância p/ a cidade, já que o
grupo visita todas as escolas do DF.

A
U
L
A
D
E
M
A
T
E
M
Á
T
I
C
A

- * Resolução de exercícios do livro
- Problema envolvendo subtração e divisão
- Aparentemente, os alunos ficam menos dis-
postos quando trabalham matemática do
que quando fazem atividades de português.
- Talvez isso ocorra por causa do horário
da aula: às 11h/11h30, depois do recreio e
do lanche.
- O Kelvin sempre está de boné. No meu tempo a
escola proibia.
- A funcionária passa p/ que a prof. assine o
ponto.
- Os alunos usam cadernos grande, de maté-
rias. No meu tempo usávamos um caderno
pequeno p/ cada disciplina. Isso permitia
um acompanhamento individualizado mai-
or, além de exigir e incentivar os alunos o
desenvolvimento das habilidades capricho,
organização, criatividade, confiança.
- Problemas de adição, multiplicação, divisão
- A prof. costuma chamar alto o nome dos
alunos que estão "tagarefando"
-

Brasília, 15 de outubro de 2010

Essa classe n: 2 / Prof: Rosilene / 3ª série A (4º ano)

A
U
L
A

D
E

→ Os alunos foram recebidos no pátio da escola, onde a coordenadora falou sobre o dia dos professores. Ela deu um sermão a respeito da bagunça e disse que mesmo assim os profs. amaram todos os alunos.

→ Ao entrar para a sala, escutei um dos alunos (Allan) dizer que nasceu no ano em que os EVA sofreram um ataque terrorista.

M
A
T
E
M
Á
T
I
C
A

→ Ao iniciar a aula, a profs propôs uma competição matemática, meninos contra meninas. Cada aluno, alternadamente, deveria ir ao quadro responder (resolver) uma questão proposta pela professora. Ao apresentar a proposta, a profs ressaltou que ninguém sabe tudo e que ninguém deveria rir ou zingar de forma alguma quem não acertasse. A primeira dupla errou. A profa deu uma palmadinha no bumbum da aluna (Waniela) e disse: "Vc tem que estudar a tabuada, heim!"

→ Não achei muito apropriado o jeito da profa corrigir aos alunos durante a atividade. Além das palmadinhas, vez ou outra ela dizia em tom de reprovação: "Presta atenção, menino(a)", "Vc não aprendeu!?", "Vou te bater no bumbum",

→ Os cálculos (questões) propostos não eram os mesmos para os meninos e meninas. Ao meu ver, os alunos deveriam responder a uma mesma questão. E a correção poderia ser feita com a parti

apacação dos alunos.

A
U
L
A

D
E

P
O
R
T
U
G
U
E
S
E
S

→ Em seguida, as questões passaram a ser de língua Portuguesa: escrever 3 palavras c/ dígrafos; 4 palavras c/ encontro consonantal.

→ As meninas venceram a competição por 3x1
→ Chegou um novo estagiário à turma (Jefferson)

Quando entrou e se apresentou, os alunos disseram: "Mais um!?", "Podia vir uma mulher!"; "Cris homens!? Meu Deus! já chega!"

→ A atividade prosseguiu, mas de forma diferenciada: a profª entregou aos alunos um pedaço de cartolina, onde os alunos deveriam colocar as respostas das questões propostas: 4 palavras c/ encontro vocálico; 5 substantivos (variados); 6 Regiões Administrativas do DF **

→ Hiram 18 alunos

→ ** "Vcs se lembram de quando estudamos o DF? Agora eu quero que vcs escrevam o nome de 6 RAs." Nem todos lembravam o que era RA. A professora explicou a sigla e disse: "Dentro do quadrilátero temos várias RAs. Eu quero o nome de 6."

→ "O planeta Terra é formado de que? Agora eu quero o nome das 3 partes"; 590207 L

→ Durante o intervalo conversei c/ o monitor. Ele é formado em Administração e deixa claro que não gosta do trabalho na escola. Passou no concurso da Fundação p/ a área de apoio e foi colocado no 4º ano "A" para acompanhar o Douglas. Está aqui até passar em outro concurso. Ele

1 / 1
cumpre 20h/semanais aqui e + 20 em outra escola do Guara, onde acompanha uma aluna que tem uma síndrome que limita sua expectativa de vida e de aprendizagem.

→ Os alunos do 1º e 2º anos têm recreio após os de 3º, 4º e 5º anos.

→ Lanche coletivo pelo dia dos professores

→ Após o lanche os alunos foram liberados p/ o pátio da escola, onde ficaram brincando até por volta de 12h15.

→ Alguns alunos quiseram jogar dominó, mas os jogos estavam incompletos e misturados.

Organizamos um deles e, enquanto um grupo começou a jogar, me dispus a organizar os outros. Para isso, contei c/ a ajuda da Ilanilda e da Anna Luiza. Além de trabalhar o senso de observação, classificação, organização e matemático (raciocínio), creio que a atividade ajudou as alunas a perceberem a importância do respeito pelas coisas alheias, já que os brinquedos ficam em duas caixas ao fundo

da Sala (1 do ^{guardados} 4º ano "A" e outra do 4º ano "B") e estavam todos misturados, assim como as pedras do jogo de dominó. Esse fato impossibilitou que as duas crianças brincassem, já que perdemos tempo organizando o conjunto.

→ No final, conseguimos completar 3 jogos, que foram guardados pela profª no armário.

/ /

Guará, 18 de outubro de 2010.

Esc. Classe nº 2 - Guará 1 / Profª Rosilene / 4º ano A

→ 22 alunos

A
U
L
A
D
E
P
O
R
T
U
G
U
Ê
S

→ A profª entregou aos alunos um texto impresso de Ana Maria Machado: "Mutirão" (In: Bento que Bento é o Irade, Ed. Record (excertos). Pediu que fizessem a leitura silenciosa e, em seguida, leu em voz alta p/ eles.

→ Ao trabalhar a interpretação, a profª destacou a necessidade de ajudar o próximo, vivemos em sociedade. Relacionou o dito popular "Cada um por si, Deus por todos". O Gabriel respondeu: "Minha irmã diz outra coisa: 'Dor de barriga não dá só uma vez'".

→ A cada dia, ao sentarem-se, as crianças alternam as duplas

→ Enquanto a profª explicava, a Walysson pintava a ilustração do texto.

→ Em seguida, a profª "tomou" a leitura pedindo que cada aluno lesse um trecho.

→ É interessante como alguns alunos são muito bons em algumas disciplinas, e não muito em outras: a Daniela é ótima em Matemática, mas precisa melhorar na leitura; Gabriel em raciocínio geral (história, matemática, interpretação) é ótimo, mas "trava" na leitura.

→ A maioria dos alunos lê o "e" (conjunção) como "ê" (verbo)

→ Enquanto alguns alunos leem o "para" como "pra", outros leem o "pra" como "pará"

- / /
- Enquanto explicava o texto, a profª disse que Ana Maria Machado escreveria bem e que ia recomendar na biblioteca para que indicassem aos alunos livros dessa autora. Me estranhou o fato de a profª dizer: "Vou ver na biblioteca se hoje é dia de empréstimo". Além de boas histórias, os textos de Ana M^ã Machado são fáceis de entender, segundo a profª.
- Após concluir a leitura e interpretação do texto, a profª pediu que contássemos quantos parágrafos havia no texto (numerássemos).
- Em seguida, os alunos pesquisaram no dicionário o significado das palavras sublinhadas no texto.
- Enquanto realizavam a atividade, a profª pediu a mim e ao Jefferson que corrigíssemos algumas atividades feitas na semana anterior.
- As minhas trataram-se de questões de interpretação de texto. A profª pediu que eu verificasse as ideias apresentadas pelos alunos e que escrevesse abaixo das palavras erradas a forma correta de escrevê-las.
- Gostei muito de fazer a correção, mas fiquei inseguro.
- Ainda com base no texto, os alunos copiaram do quadro questões a serem respondidas em casa.
- Enquanto esperavam a próxima atividade, Daniela, Anna Luísa e Nicolly vieram a minha mesa. Nicolly somou a minha idade à do outro

estagiário e a do monitor ($23+32+23 = 78$); Ela
meu estava impressionada com minha altura
(eu tinha adiantado o relógio da parede p o ho-
rio de verão) e perguntou "se" e "porque" eu não
tinha namorada.

A
U
L
A

D
E
M
A
T
E
M
A
T
I
C
A

→ Na aula de matemática, a professora in-
troduziu o conteúdo de multiplicação de nú-
meros com duas casas decimais no multi-
plicador ($14.082 \times 24 = 337.968$)

→ A profª deu prosseguimento chamando os
alunos ao quadro p resolver as questões pro-
postas.

[Faint, mostly illegible handwriting on lined paper]

Guará, 20 de outubro de 2010

Esc. Classe nº 2 / Profª Rosilene / 4º ano "A"

→ Aula de Matemática: números fracionários

→ Ao apresentar o tema da aula, a professora lembrou aos alunos os tipos de números que já haviam estudado (ordinal, cardinal e múltiplos) e perguntou se sabiam o que era "fração". Como não sabiam, pediu que pesquisassem no dicionário.

→ A profª trouxe 2 pães de forma e 2 caixas de Bis, 1 pote de geleia.

→ No quadro, escreveu: Numerador

Denominador

→ Para facilitar o entendimento, a profª usou as caixas de bis para apresentar as frações: 1º abriu o pct (1 inteiro); contou as unidades (20 bis); e dividiu com os alunos, sempre perguntando do quanto representava em fração a parte inteira e a que havia sobrado.

→ O mesmo foi feito com os pães.

→ Após o "lanche", a profª distribuiu os livros, reforçou a explicação e pediu que os alunos respondessem aos exercícios.

→ Enquanto os alunos respondiam e, depois, a professora fazia a correção, ela pediu que separássemos as atividades dos alunos em pastas.

→ Neste dia, os horários de recreio e lanche foram modificados porque os alunos do 5º ano estavam fazendo a prova do CIAD. Isso

/ /

prejudicou a aula de Rosilene, impedindo que fosse trabalhado geografia (a professora havia programado uma dinâmica)

Guara, 25 de outubro de 2010

Esc. Classe nº 2/4º Ano A / Profª Rosilene

A
U
L
A
D
E
G
E
O
G
R
A
F
I
A
E
C
U
L
T
U
R
A

* 21 alunos presentes

* Ao iniciar a aula a prof. retomou conceitos trabalhados anteriormente: Brasília ≠ de DF; Brasília é uma RA; DF ≠ estado é um distrito, ou seja, é menor que um estado; p/ construir a capital foi feito um concurso, o qual ganhou Lúcio Costa que trabalhou c/ Oscar Niemeyer.

* O livro pedia que se retornasse algumas páginas p/ verificar informações sobre o edital do curso

* Foi trabalhado o cap. 6: "Quanta gente!"

* No capítulo 5, sobre a construção, a respeito do edital abordava-se a necessidade que teve a observação do cálculo do abastecimento de energia de água e transporte; oportunidades de trabalho; distribuição urbana e rural da população

* Livro de geografia: "Distrito Federal: geografia e cultura" Bianca Amaral e Domingos Ferreira Ed. FTD

* O livro é novo (edição de 2008) p/ ser usado em 2010, 2011 e 2012

* Ao comparar a população prevista p/ o DF com a população efetiva de hoje, a prof. propôs vetores p/ trabalhar matemática: coisas decimais

unidades de milhar e de milhar
 p/ decimais de milhar e de milhar
 unidades mil
 unidades de milhar, centenas, etc.
 classes: unidades mil
 ordens: unidade de milhar, centenas, etc.

UM	CM	DM	UM	C	D	U
	5	0	0	0	0	0
2	0	5	9	0	3	

para multiplicadores (dobro, triplo...)

/ /

* Em relação à questão social, a prof. abordou a relação do inchaço populacional com a má qualidade de vida e problemas urbanos: transportes deficientes, escassez de água e energia, poluição, hospitais lotados, escolas sucateadas.

* Durante a explicação, a prof. abordou a importância e o senso do IBGE p/ o planejamento e organização das cidades. Um dos alunos perguntou o que era "Censo".

* A prof. tb. abordou a questão da política e da corrupção. Perguntou se os alunos já tinham assistido "Cropa de Elite 1". A maioria já tinha visto. Afirmando que provavelmente eles iriam ter acesso e acabar assistindo "Cropa de Elite 2", a prof. pediu que eles não se fixassem nas mortes e violência, mas nas questões políticas presentes no filme e que, vergonhosamente, retratam a realidade brasileira.

* O texto abordava bem a questão da migração, natalidade, mortalidade.

* A prof. abordou a necessidade do estudo e da qualificação, exigidas pelas exigências do atual mercado de trabalho. "A gente tem que ter sede. Não essa sede de beber água, mas sede de saber e a ignorância".

* Segundo o texto, "temos muitas semelhanças e diferenças, mas temos uma coisa em comum: moramos no Distrito Federal, em uma das suas 29 Regiões Administrativas" (pág. 69)

* A prof. fazia adaptações ao texto p/ adequar à

/ /

realidade do DF: "Neste caso, é feito um cálculo aproximado de quantas pessoas estarão vivas do naquele município, estado ou país [e no nosso caso, no Distrito], numa data futura." } pág 69

* O texto possui erros: "merece um vida digna" (pág. 71)

* Uma tabela mostrava a evolução populacional (pág. 71). A professora trabalhou a leitura dos números; a mudança das classes de milhar a partir dessa evolução;

* Em uma foto preto e branco a prof. abordou a temporalidade da foto, as características das residências no Núcleo Bandeirante da época (barraços de madeira). Em uma outra, colorida, apresentava-se uma família de migrantes caminhando pela Esplanada dos Ministérios e carregando uma "trouxa" sobre as costas. A prof. abordou a questão da pobreza.

* A prof.^a apresentou um mapa do DF, mas destacou que ele estava desatualizado e que a escola já havia entrado em contato com a Codeplan para solicitar um mais recente.

* O próprio livro, na pág. 47, já trazia um mapa do DF, mas sem a especificação das 10 últimas RAs pq até 2008 seus limites físicos ainda não haviam sido totalmente definidos.

* Em uma segunda tabela, com a distribuição da população residente no DF em 2004, a prof. trabalhou "numerais romanos"; leitura dos numerais; valor absoluto e relativo; quantidade de algarismos em um número.

1 / 1

* Em um gráfico referente à população das RAs, pôde-se trabalhar a interpretação do gráfico bem como sua leitura e análise.

* A medida em que estava as RAs, a prof^a verificava se os alunos já as conheciam. Quando a prof^a mesmo não conhecia, perguntava aos alunos que conheciam sobre como era a RA, se era organizada, como foi o caso de Brazilândia. Damambaiá a prof^a contou ter conhecido no ano anterior e ser uma RA bem organizada.

* Em seguida, os alunos ficaram fazendo os exercícios das páginas 74 e 75, mas a prof^a deixou que terminassem em casa, podendo levar os livros p/ trazê-los no dia seguinte.

* Páginas trabalhadas 68 a 75 / 51 / 47

—————//—————

* Representação de frações

* A prof^a retomou os conceitos de numerador, denominador, leitura de frações e introduziu frações cu o numerador maior que o numerador: $\frac{7}{3} = \begin{array}{|c|c|c|c|c|c|} \hline \text{■} & \text{■} & \text{■} & \text{■} & \text{■} & \text{■} \\ \hline \end{array}$

* Em seguida, chamou alguns alunos ao quadro para representar algumas frações propostas

* Depois, como atividade a ser realizada, escreveu no quadro 10 frações a serem representadas por desenho no caderno.

M
A
T
E
M
Á
T
I
C
A

/ /

Essa Classe n: 2 / Prof: Rosilene / 4º ano "A"

Guara, 27 de outubro de 2010

A
U
L
A
D
E
M
A
T
E
M
Á
T
I
C
A

(-A família de Jca pediu uma pizza gigante c/ 10 fatias. O pai comeu 2 pedaços, o filho mais novo 3, e a mãe 4 fatias.

Qual a fração que sobrou p/ o filho mais velho?

De a fração do que cada um comeu.

* Este primeiro problema parece ter sido criado pela prof:

Em seguida, ela passou a copiá-los do livro.

* 26 alunos (12 meninos + 14 meninas)

* A medida em que terminaram o exercícios, alguns alunos foram à minha mesa p/ que ~~eu~~ eu os corrigisse

* Durante o recreio, 4 alunos ficaram de castigo por terem conversado muito durante a aula.

* (Kelvin, Brenda e outros)

* Vitória gerou intriga entre Douglas e Mariah.

Ele disse que não mais seria amigo dela, fazendo o que ela chorasse. Quando o recreio acabou, a prof: interveio, questionando à Vitória e corrigindo-a.

* Após o recreio, os alunos continuaram fazendo novas atividades envolvendo frações.

* Alguns deles tiveram dificuldade para assimilar termos como "semestre" e "duzia" quando tiveram de representar por meio de fração: 2 meses de um semestre e 4 bananas de uma duzia.

* Dos que me procuraram, a Alessandra foi a que teve mais dificuldade.

* A professora deu seguimento à aula c/ produção de textos. Cada aluno recebeu uma tira ou folha c/ desenhos, nos quais deveriam

se inspirar p/ escrever as redações. A profª exi-
giu correção ortográfica, entregando dicionários
aos alunos. P/ "incentivá-los", ^{ela} disse que ~~de~~ em leva-
ria os textos produzidos p/ a UNB e que, por isso,
~~se~~ deveriam fazer bonito.

* A Daniella e a Andressa me deram raspas de
lapis apontados dizendo ser "luquis de flores".

* Identificar práticas positivas e negativas
p/ estas [↓] sugerir proposta
de trabalho

* Conversar c/ a profª sobre possibilidade de usar
meu trabalho sobre o Quaraí

* Aproveitar tempo disperso.

/ /

Guara, 29 de outubro 2010

Exc. Classe no 2 / Profª Rosilene / 4º ano "A"

* alunos presentes: 19 alunos

* Na aula anterior, a Daniela prometeu trazer uma foto dela na China. Quando cheguei, a primeira coisa que ela fez foi vir me mostrar.

* Trabalhou-se, no livro de português, as páginas 78 (exercício nº 1, itens a, b e c) 92 (exercícios de 1 a 5) "Estudando a carta" / a 5)

* Livro Língua Portuguesa: Pensar e viver (4º ano)

* As partes trabalhadas do livro discutiam os diferentes gêneros de texto (no caso, a carta e o anúncio publicitário). O texto da pág. 92 trata-se de uma publicidade na forma de carta.

* A foto trazida por Daniela suscitou uma discussão sobre a cultura chinesa. Os pais dela têm 3 bancas na feira dos Importados, p/ onde ela vai sozinha sempre depois das aulas. Nem o pai nem a mãe falam português. O irmão mais velho é quem atua como intérprete. Mesmo a relação entre eles não sendo muito "melosa", Daniela fala com empolgação a respeito dos pais. Na banca, ela mesma atende aos clientes. Eles moram no Guará.

* A profª propôs que os alunos escrevessem cartas p/ o papai Noel, a serem encaminhadas aos Correios. Ela conversou sobre o fato de Papai Noel ser uma lenda e que pessoas comuns é que pegam essas cartas p/ presentear as crianças. Após escreverem, a profª corrigirá p/ que possam passar a limpo. A in

/ /

tensão é levá-los à agência dos Correios p/ postarem as cartas.

Guará, 05 de novembro de 2010

Essa classe nº 2 / Profª Rosilene / 4º ano "A"

* As cartinhas foram separadas em fila p/ que os alunos fizessem a prova de matemática.

Alguns, ao que parece, já a haviam iniciado e terminado no dia anterior.

* Os alunos que já haviam feito ficaram lendo. Os outros, à medida que terminavam, faziam o mesmo.

* Depois, a professora entregou aos alunos uma ficha literária a ser preenchida com base nos livros que pegaram na biblioteca.

* Alguns alunos que ainda não haviam feito a carta p/ Papai Noel tiveram nova oportunidade de

* 21 alunos

* Como alguns alunos não trouxeram a autorização dos pais p/ a visita aos Correios, o passeio foi adiado p/ a próxima segunda-feira.

* Os alunos, então, passaram a resolver as atividades da apostila da Emp Embraça.

*

/ /

Guará, 08 de novembro de 2010

Essa classe nº 2 / Profª Rosilene / 4º ano "A"

A
U
L
A

D
E

M
A
T
E
M
Á
T
I
C
A

* Ao chegarem, os alunos iniciaram a resolução de exercícios da pág. 125 do livro de matemática (envolvendo divisão).

* 23 alunos

* Alguns alunos tiveram dúvidas e foram até minha mesa.

* Enquanto corrigia, a professora se atentava p/ perguntas aos alunos e sinônimos de palavras complexas (ex: percorreu); contextualizar as informações contidas nos enunciados (ex: antigamente as pessoas compravam alimentos a granel, em ~~mercado~~ mercadorias, colocando em pacotes de papel, e não em sacolas plásticas como hj.)

* Me pareceu que a professora não desempenhou controle sobre os exercícios respondidos. Alguns alunos se adiantaram na resolução, enquanto outros se atrasaram. Dem que todos chegassem ao mesmo ponto, a professora, sem corrigir, passou a dar aula de português, sobre "Narrativa", com a proposta de que elaborassem uma redação narrativa.

* Ao explicar o que é "narrativa", a profª explicou com exemplos práticos do cotidiano, inclusive, condenando o sexismo e valorizando o respeito, a colaboração, a justiça e a educação como critérios básicos p/a convivência em sociedade.

* A redação ficou como tarefa de casa. Após a

/ /

Guará, 09 de novembro de 2010
Esc. Classe nº 2 / Profª Rosilene / 4º ano "A"

* 26 alunos

* Alunos sem recibo por não terem feito a tarefa de casa: Wesley, Malyson, Johnatan, Alessandra, Allan

* Como na quarta-feira eu não poderia ir (tenho reuniões no trabalho e do grupo de pesquisa da UCB), vim p/ o estágio na terça-feira

* 16 dos alunos disseram ter acesso à internet em casa, quando questionados pela professora

* A professora trabalhou um texto informativo sobre a "Cartaanga-de-pente", aproveitando p/ trabalhar ecologia, respeito ao meio ambiente, responsabilidade social. Nesse sentido, resgatou a experiência do dia anterior, quando pararam p/ apreciar a beleza de um Glamboyant.

* A profª trabalhou bem a questão do nome cien

→ explicações, fomos aos Correios fazer a entrega das cartas do Papai Noel. Na Agência, a professora explicou sobre o funcionamento dos Correios e a substituição das cartas pelas tecnologias (internet, e-mails, etc). No caminho, as crianças pararam p/ ver uma árvore que parecia com a que tinham antigamente no pátio da escola. Alguns alunos se afastaram da fila, ou por pararem p/ ver algo que lhe chamavam a atenção ou por estarem brincando.

tífico, exemplificando com a importância dele p/ que cientistas possam colaborar entre si, complementando seus trabalhos. Para isso, usou como exemplo o caso real e atual das baleias encalhadas no litoral brasileiro e o trabalho de cientistas em vários locais diferentes p/ solucionar o problema.

* Num segundo momento, os alunos tiveram de numerar os parágrafos; identificar e colorir de vermelho os substantivos, de verde os verbos, de amarelo o substantivo composto do 2º parágrafo.

* Alkai é o aluno que mais tem "dado trabalho". Várias vezes tem deixado de fazer as tarefas e é um dos que mais conversam, ainda que seja em som baixo.

* O uso da internet hoje foi valorizado como fonte de pesquisa. A profª pediu que buscassem informações adicionais na rede, caso possuíssem acesso, para montarem um painel informativo sobre a tartaruga-de-pente e outras espécies de tartarugas marinhas. Porém, ela disse ^{que} ~~de~~ lan house não é lugar pra criança e que não queria ver ninguém lá sem que fosse com a companhia dos pais ou responsáveis.

* Nos próximos dias, a profª sorteará dentre os alunos nomes de animais a serem pesquisados. As informações obtidas deverão ser usadas p/ produzirem textos coletivos. Eles terão uma semana p/ fazerem a pesquisa. A notícia desta atividade gerou alvoroço e empolgou a

1 / 1
turma.

* Nesta aula de português, a professora conseguiu trabalhar ciências, geografia, história, estudos sociais, atualidades.

* Os alunos sem recreio costumam ficar à toa em sala de aula. Hã, ficaram adiando a tarefa passada no quadro pela professora. Acho que o ideal seria passar alguma tarefa punitiva, instrutiva tais como: cópia de textos, produção textual, escrita de números, etc, caligrafia.

* A tarefa do quadro pedia que recotassem de revistas 10 substantivos; 12 verbos (e os escrevessem no infinitivo).

* Alguns alunos tiveram dificuldade em diferenciar verbos de substantivos. Ensinei alguns alunos a descobrirem no dicionário.

/ /

Guará, 12 de novembro de 2010.

→ Nunca cheguei tão mal desajado à classe (rises).
Estavam todos com medo da tabuada.

→ Alguns alunos da tarde (8) vieram assistir às aulas.

→ Fui p/ fora da sala, tomar tabuada dos alunos, individualmente.

→ A turma recebeu a visita de uma professora aposentada que trabalha com um projeto de incentivo à leitura. Ao final da oficina, os alunos receberam um certificado de "Multiplicadores da Leitura".

→ A vice-diretora e a bibliotecária estiveram presentes na oficina.

→ "Brincando de Biblioteca" (nome da oficina)

→ A prof.^a ^(agente cultural) ^(Ilinoia) iniciou uma dinâmica: chamou 6 alunos à frente e deu 2 placas p/ cada um (uma contendo uma "palavra mágica" e a outra c/ uma ação: sorrir, abraçar, apertar a mão do outro, bater palmas, levantar o braço, fazer carinho). À medida em que contava a história e dizia uma das palavras mágicas, os alunos deviam fazer a ação correspondente àquela palavra.

* Em seguida, a turma foi dividida em grupos. Cada um recebeu uma pasta c/ cerca de 8 livros. Deviam ler, escolher o melhor e contá-los aos demais.

* Oficina "Brincando de Biblioteca com Programa Literário" c/ apoio de FAC/SEC/GDF, SEE

/ /

Guará, 17 de novembro de 2010

* 25 alunos

* No 1º tempo da aula, antes do recreio, a profª trabalhou a correção de exercícios de matemática que haviam sido feitos como tarefa de casa. Em seguida, foram passadas novas tarefas do livro.

* Após o recreio e o lanche, a professora apresentou uma música de Adoniran Barbosa:

"Baudosa maloca". Os alunos ouviam a música acompanhando a letra impressa.

* A ideia era mostrar a diferença entre a norma culta e a coloquial. A profª aproveitou p/ trabalhar a questão do preconceito linguístico, ajudando os alunos a entenderem porque muitas pessoas ainda hoje não dominam a norma culta; a importância de dominá-la; o respeito que devemos ter por quem não teve a oportunidade de estudar.

* Os alunos tiveram de procurar as palavras desconhecidas no dicionário (baudosa, maloca, assobradado, palacete e demolição)

* De início, houve falha de interpretação. Na verdade eram 3 personagens e não 2; e a palavra "assobradado" não era "assombrado".

* Como tarefa de casa a profª pediu que os alunos transcrevessem a música na norma culta.

1 / 1

Guará, 22 de novembro de 2010.

* 22 alunos + 1

* A prof^a iniciou a aula pedindo que os alunos abrissem o caderno de português p/ correção da tarefa de casa de quinta-feira (18). Poucos alunos haviam feito. Os demais ficaram sem recreio como punição.

* Seria aplicada uma prova de matemática, mas a prof^a adiou p/ 5^a f. dizendo que a avaliação ainda não estava pronta.

* Assim, aproveitou-se p/ revisar o conteúdo de Língua Portuguesa que faziam naquela semana (substantivos, adjetivos, sujeito, verbos, infinitivo, artigos).

* Babi, Expedita, Martins, Samuel, Wesley e Kelvin não foram à aula no Teatro Nacional. A exceção do Kelvin, que teve compromisso c/ a catequese, todos disseram não ter ido porque não quiseram ou porque pensaram que seria chato.

* A prof^a contou que a apresentação da orquestra foi em homenagem ao dia da consciência negra, com apresentação de capoeira, etc. Quer mas de outros colégios se comportaram mal, c/ as professoras "nem aí".

* Continuei a tomar a taluada dos alunos

* Enquanto isso a prof^a passou exercícios de revisão de matemática.

_ / _ / _

Guará, 24 de novembro de 2010.

* 26 alunos

* Prova de Matemática. A prof^a fez a leitura da prova, explicando o que era para ser feito.

* Em seguida, os alunos fizeram prova de português, onde a interpretação de texto foi o item mais cobrado.

* Enquanto eles faziam as provas, a prof^a pediu que eu fizesse o inventário dos materiais da "Ciência em Foco". Fiquei das 8h às 10h30 relacionando e organizando o material.

// //

Guará, 26 de novembro de 2010.

* 23 alunos

* Quando cheguei, a prof^a estava apresentando a proposta de pesquisa sobre animais. Os alunos deveriam pesquisar (após escolher um animal):

- local de habitat
- motivo da extinção
- alimentação
- e confeccionar cartazes
- como se reproduz
- e gravuras e as inform.
- se está em extinção ou não

* A prof^a contou que, como alguns prof^s nos vieram contando o material da "Ciência em Foco" na 2^a feira, alguns deles estavam perguntando quando nós contaríamos os das outras salas.

* Segundo a prof^a, no ano seguinte, cada uma das salas passaria a contar com uma TV e um DVD.

- * Após apresentar a pesquisa, a prof^a entregou um texto jornalístico sobre "O estranho caso do zoológico de Brasília" a ser lido pelos alunos em silêncio, individualmente. Em seguida a leitura foi feita em voz alta pela professora.
- * Depois, a prof fez perguntas sobre o texto e pediu que pesquisassem as palavras desconhecidas no dicionário
- * A escola ⁽¹²⁾ inaugurou a biblioteca, que recebeu um novo nome: Monteiro Lobato
- * Duas contadoras de histórias foram convidadas para a ocasião. Os alunos, como de costume, se reuniram no pátio
- * ~~Contadora~~ Tíndira (deficiência do Douglas)
- * As contadoras trabalharam musicalmente, com voz, violão e tambor, e interação com o público
- * Como tarefa de casa a prof^a pediu que assistissem algum telejornal p/ analisarem as casas a população, as favelas, a situação do RJ diante dos ataques dos traficantes e a relação c/ a pobreza e a exclusão social
- * Em seguida, a prof^a escreveu no quadro perguntas sobre o texto a serem respondidas no caderno.
- * 50 dicas para administrar o deficit de atenção em sala de aula ⇒ site: www.chadd.org
- Edward M. Hallowell e John J. Ratey (1992)

/ /

Guará, 01 de dezembro de 2010.

* Quando cheguei, a turma discutia os noticiários do fim de semana sobre os ataques no Rio de Janeiro (conforme a tarefa de casa passada na última sexta-feira).

* 22 alunos

* A prof^a trouxe um exemplar do dia, do *Louco Brasileiro*. Fez uma leitura explicativa da capa; apresentou algumas partes do jornal e a organização dos elementos da capa; mostrou as imagens, os gráficos. A prof^a tentou trabalhar a ideia de que as drogas não valem a pena, tanto que a população das favelas vivem em péssimas condições de vida e moradia. Porém, ressaltou que nem todos lá são bandidos e que essas pessoas têm comemorado a intervenção da polícia.

* A prof^a perguntou: "Vocês acham que pertencem a qual classe social?" A maioria (na verdade todos) disseram ser da classe média.

* Após a discussão, a professora propôs que escrevessem um texto, um comentário, ou qualquer outra produção escrita sobre o assunto. O material produzido seria exposto no mural, do lado de fora da sala.

1 / 1

Guará, 03 de dezembro de 2010.

* Para trabalhar unidades de medida, a profª distribuiu pedaços de barbantes coloridos (6 cores) para os alunos; pediu que medissem e depois colassem no papel A4, criando desenhos.

* A atividade ocupou quase todo o 1º tempo da aula.

* Após o lanche, eu assumi a classe p/ desenvolver a atividade que propus: a elaboração de um dominó tabuada de multiplicações.

Cada aluno recebeu um pedaço de papel cartão. Com a régua, deveriam desenhar um quadrado de 28 cm de lado. O lado horizontal, em seguida, deveria ser dividido em 4 partes de 7 cm; e o lado vertical em 7 partes de 4 cm cada.

* Ao desenhar o quadrado maior, muitos alunos demonstraram dificuldade. Então decidi fazer um molde e, eu mesma, desenhar para os alunos que não estavam conseguindo fazer um quadrado perfeito, com todos os lados iguais.

* A medida em que passava as instruções aos alunos, eu reproduzia a atividade no quadro da sala.

* Os alunos demonstraram interesse e dedicaram-se à atividade. Como o tempo acabou, deixamos p/ experimentar o jogo na segunda-feira.

Guará, 06 de dezembro de 2010.

* 19 alunos

* Como passou a noite toda chovendo, muitos alunos faltaram.

Rosilene → 3381-2846 / 8485-8050 }

* elaboração do domínio

**ANOTAÇÕES GERAIS REALIZADAS DURANTE O PERÍODO DE
OBSERVAÇÃO PARTICIPATIVA NA TURMA DO 5º ANO “A”**



Guará I, 01 abril de 2011



* 27 alunos presentes (8 faltaram)

- Por volta das 7h50 saímos p/ a quadra A turma da 3ª série também estava lá. Um grupo ficou jogando futebol, um outro jogando queimada e um outro ~~o~~ andando de patinete.

- O profº de Ed. Física chegou em seguida, com uns 5 alunos de futsal. Todos dividiram a quadra e os arredores.

- Ao voltarmos p/ a sala, a profª cantou 2 músicas e fez uma oração com os alunos.

- Em seguida, iniciou-se a aula de geografia com a temática "A Representação da Terra"

- Foram corrigidos os exercícios de casa, trabalhou-se com o mapa-mundi, livro de geografia

- A prof. costuma trabalhar a escrita e leitura de passagens bíblicas, além de músicas religiosas p/ "relaxar". Nas orações, quem não quer participar é respeitado.

- Após voltarmos do recreio, a profª teve de ocupar-se com a resolução de problemas do recreio. Algumas meninas queixaram-se de brigas, gritos no ouvido, etc. Um aluno (Francisco), inclusive, levou uma advertência.

// // //
Guará I, 04 de abril de 2011.

* 32 alunos presentes

* A aula foi iniciada com a correção do dever de casa

* Chegou uma professora (Cristiane) para ajudar a profª Rosane. Ela via todas as 2ª f. Hoje, a profª

www.ecoagoodes.com.br



ECOPOST

Rosane foi p/ a sala dos professores, onde chamou cada um dos alunos p/ olhar seus cadernos.

* A prof^a Cristiane iniciou a aula de Matemática trabalhando com os números romanos. Ela se lembrou que letras são usadas p/ representar os números nesse sistema: I = 1 / V = 5 / X = 10 / L = 50 / C = 100 / D = 500 / M = 1000

* Às 9h 10 → saem p/ lavar as mãos

* Às 9h 20 → lancham (9h 30)

* Às 9h 45 / 9h 50 → saem p/ o recreio (10h)

* Às 10h 05 / 10h 10 → voltam p/ a sala (10h 20)

Guará I, 06 de abril de 2011.

Prof^a Rosane

* 33 alunos

* Aula de História: "Portugal e as Navegações"

* A prof^a iniciou a aula contando uma história. Em seguida, leu um texto sobre o assunto da aula e, depois, pediu que alguns alunos fizessem a leitura p/ a turma.

- A prof^a Cristiane chegou, dando continuidade à tarefa, enquanto a prof^a Rosane foi p/ a sala dos professores, continuar olhando o caderno dos alunos.

- A seguir, teve início a aula de português. Trabalhou-se "Texto Descritivo". Cristiane chamou a Expedita e o José Alisson à frente, descrevendo-os, para explicar o conceito de "descrição".

- Os alunos estavam agitados, ansiosos pela festa

www.ecologicopapeis.com.br





surpresa que organizamos para a professora.

- A festa durou, aproximadamente, de 10h30 às 11h30.

- Depois, a prof^a Custiane entregou um poema de Vinícius de Moraes (A porta), com base no qual os alunos fizeram uma atividade.



Guara, 08 de abril de 2011.

Prof^a Rosane

* 32 alunos

* foi instalada na sala uma TV de tela plana e entrada VSB e um aparelho de DVD, permanente.

* Deu-se início à aula de Ciências. A prof^a apresentou mapas dos sistemas circulatório e respiratório, explicando a importância de ambos para a sobrevivência humana. Em seguida, distribuiu um texto sobre o assunto, fazendo a leitura para a classe.

* Tomos a quadra. A professora continuou a explicação. Pediu que os alunos localizassem no pulso e no pescoço a região onde fosse possível acompanhar os batimentos cardíacos. Com a ajuda de um relógio, pediu que cada aluno medidorasse seus batimentos, a fim de saber quantas batidas ocorriam por minuto. Em seguida, pediu que os alunos se exercitassem e, depois, repetissem o procedimento identificando a diferença no ritmo cardíaco.

www.ecologiapapel.com.br



ECOPOST

* Na volta à sala, os alunos foram ao banheiro, beberam água e lavaram as mãos. A prof^a explicou a relação que a atividade física tem com a frequência cardíaca.

- Durante a atividade na quadra, a Expedita acabou ~~saindo~~ se machucando, pois a torçoe caiu sobre a perna dela.

- Foi distribuído um questionário sobre o assunto da aula.

- O Jordânio e o Alkai ficaram sem recreio por não terem feito a redação sobre o filme passado no dia anterior, a respeito da conquista da América.

- Ao voltarem do recreio os alunos continuaram fazendo as atividades. Eu fui ajudando-os à medida que me chamavam em suas carteiras. Em seguida, a prof^a fez a correção no quadro.

→ O Kelvin esqueceu o caderno de Ciências } verificar
→ José Alisson esqueceu o de história } na 2ª f.

Guará, 11 de abril de 2011.

Prof^a Rosane

* 31 alunos

- A prof^a iniciou a aula revisando o conteúdo de história apreendido na semana anterior: Portugal e as Navegações. Para isso, usou como ferramenta de apoio um globo terrestre.

www.ecologicapebes.com.br





- Na manhã de hoje (2º f) houve momento cívico. Antes de ir para a sala, os alunos reuniram-se no pátio, em fila, onde cantaram o Hino Nacional, fizeram uma oração e ouviram, pela diretora, algumas informações: em cada sala foi instalado um dispensador de álcool em gel; em cada banheiro, um de sabonete líquido.
- Todos os dias, ao final da aula, a profª pede que os alunos copiem em suas agendas a programação do dia seguinte. Aparentemente, ela programa mais sistematicamente as aulas do que a Rosilene.
- linha do equador 40.075 Km
- Teika → orbitou a Terra em 3 de nov. de 1957. Morreu entre 5 e 7 horas depois, devido a estresse e superaquecimento (talvez decorrente de falha no sistema de controle térmico da nave)
- Dado início à aula de Ciências, a profª primeiro apresentou o livro aos alunos, bem como o autor. Em seguida, trabalhou-se os temas "O corpo em movimento" (pág. 52) e "Por dentro do corpo" (pág. 62)
- Em parte do texto (pág. 65) mencionava-se que "se todos os vasos sanguíneos do corpo... fossem alinhados, essa fila daria, aproximadamente, duas voltas e meia ao redor da Terra, na altura da linha do Equador". A profª aproveitou para pegar o globo terrestre. Eu pesquisei na internet, em meu celular, quantos Km tem a linha do equador. A profª fez o cálculo no quadro, com os alunos.



ECOPOST

- Aproveitei para pesquisar também sobre a cadela Lesika.
- Após fazer a leitura com os alunos, partiu-se para a correção dos exercícios (tarefa* de casa). A prof^a colocou as respostas no quadro.

Guará, 13 de abril de 2011.

* 29 alunos

- Matemática: deu-se início à aula corrigindo-se os exercícios** (tarefa de casa). Eram questões de multiplicar e de dividir. Quando os alunos tinham dificuldade para entender a divisão, a prof^a exemplificava, usando materiais concretos (lápiz, giz de cera) ou desenhando bolinhas no quadro.

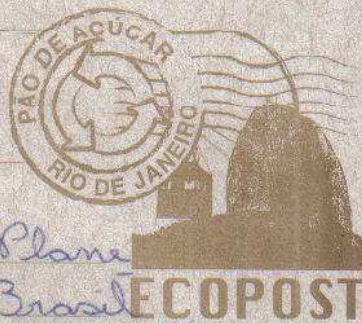
- Em seguida, trabalhou-se Língua Portuguesa. A prof^a distribuiu um texto ("O salário de Xavier") para ser transcrito corrigindo-se a pontuação. A prof^a pediu que eu ajudasse quem precisasse e pediu minha ajuda na definição dos pontos a serem usados no texto.

- Nas paredes da sala, além de cartazes produzidos pelos alunos, há um mapa mundi, uma tabuada, cartaz, uma lista dos números cardinais por extenso, um calendário com as datas de aniversário dos alunos, e painéis dos sistemas digestivo, respiratório e circulatório, dos tecidos do corpo, e de uma escala geográfica indicando nossa localização no universo.

www.ecoedcapedais.com.br

* tarefa

** exercícios



ro: Via Bactia → Sistema solar → Planeta Terra → Continente Americano → Brasil → Região Centro-Oeste → Distrito Federal → Guarará → Escola Classe nº 2 → Sala 9

- A profª passou no quadro a correção da transcrição do texto e fez a leitura do texto várias vezes com os alunos, coletivamente, individual, por gêneros.

- Neste dia, a escola receberia a visita de uma trip trubo. A profª, então, aproveitou para antecipar o conteúdo de História, trabalhando a conquista da América.



Guarará, 15 de abril de 2011.

* 33 alunos

- A aula foi ministrada por uma profª substituíta, a Dilele. Ela trabalhou poesias. Tem todo um livro para com os alunos. Em seguida, distribuiu aos alunos cópia das poesias. Depois, eles tiveram que produzir, com base em alguma das poesias, uma releitura ou paródia. A atividade ocupou todo o primeiro tempo do dia. Mais tarde, enquanto alguns alunos ainda terminavam, ela leu "O menino que descobriu Brasília". Achei que ela teve pouco domínio sobre a turma e estava ali para cumprir uma obrigação.

- Tentei ajudar os alunos nas paródias. Alguns deles produziram versos muito interessantes, engraçados e criativos.

www.ecologicadapek.com.br





ECOPOST

- Anna Luiza, José Alysson e Mikael
pediram para ficar em sala du-
rante o recreio.

- Ao voltarmos, uma nova prof^a assumiu a
turma, dando aula de artes. Os alunos
mantiveram-se calados e atentos à aula.
A prof^a trabalhou a arte Moderna Brasileira,
antecipando o que os alunos verão na expo-
sição que vão visitar nos próximos dias,
focando artistas como Garsila do Amaral,
Di Cavalcanti, dentre outros.

- Ao final da aula, a prof^a distribuiu uma folha
em branco p/ que os alunos reproduzissem uma
pintura de Garsila do Amaral. Para isso repro-
duziu no quadro, com um retroprojetor, a pin-
tura. Pediu que os alunos, mentalmente, dividis-
se a folha em 4 partes. Assim, passo a passo, ia
fazendo ~~o~~ o desenho com eles. Conforme o qua-
dro reproduzido, a pintura deveria ser feita nas
cores verde, amarelo e azul.

Guará, 19 de abril de 2010.

* 32 alunos

- A prof^a distribuiu o cronograma de provas p/ a
próxima semana; distribuiu o livro de geogra-
fia e iniciou a correção da tarefa de casa
de português: usos de "r" e "rr"; "m" e "n"; "s" e "ss".
- A seguir, chegou um PM do Picoard. Ele vem à
escola toda 3^a feira. O tema do dia a ser tra-

www.ecoeducaçao.com.br





balhado foi "Bullying". Junto com os alunos, foi feita a leitura de um texto.

A medida em que ia lendo, o PM dava a explicação. Em seguida, divididos em duplas, os alunos resolveram a atividade da cartilha, na qual os alunos deveriam localizar em um quadro de letras as palavras relacionadas ao bullying. A atividade seguinte consistiu em completar um texto com palavras do quadro.

- Ao voltar p/ a sala, a prof.^a aproveitou para reforçar a temática "Bullying", contextualizando a realidade da sala: algumas crianças têm sido intrigas por sentirem-se "trocadas" pelas amigas.

- Nesta manhã, a escola recebeu a visita da autora Regina Líbia Prado, que escreveu, dentre outros, os livros "Uma joaninha diferente" e "O menino que descobriu Brasília". Toda a escola se reuniu no pátio. Um grupo de alunos apresentou teatralmente um dos livros da autora; os murais da escola foram ocupados por atividades feitas pelos alunos com base nos livros da autora; após a apresentação, a autora se dispôs a responder perguntas dos alunos e, em seguida, a autografar os livros.

- Depois do evento os alunos voltaram p/ a sala e foi feita a correção das atividades de português (correção continuada).



Guará, 20 de abril de 2011



ECOPOST

* Tour por Brasília.

- Neste dia, toda a escola realizou um tour por Brasília. Saímos por volta das 8h e voltamos às 11h 45, aproximadamente. Passamos pelo Eixo Monumental, descendo na Torre de TV e na Catedral. Depois fomos à Ponte JK e ao Palácio da Alvorada, onde recebemos um aceno da presidente Dilma.

- No caminho, Gabriel passou mal
- De volta à escola, a professora entregou uma lembrancinha de Páscoa às crianças e havia preparado um bolo com cobertura e recheio de chocolate. Também tiramos fotos.
- A profª pediu que os alunos escrevessem um texto sobre algum dos monumentos que visitamos
- 25 alunos foram ao passeio (18 meninas e 7 meninos)



Guará, 25 de abril de 2011.

- 32 alunos
- Quando cheguei, estavam corrigindo a tarefa de casa de português, que incluía, entre outras coisas, o uso de "m" ou "n", classificação em extona, paroxitona ou proparoxitona, etc.
- A profª relembrou o fato de ter vencido, com os alunos, o medo de elevadores, ao ter subido à Torre de TV com o Tiago e a Luíza, que tinham o mesmo problema.
- Os alunos permaneceram sentados isolada

www.eco.org.br





mente para fazerem a avaliação de Português.

Guará, 27 de abril de 2011.

* 34 alunos

- Prova de Ciências

- Após a prova, os alunos estudaram para a prova de Geografia. A profª levou os alunos para o pátio, abriu sobre o chão o mapa mundi e revisou com os alunos os trópicos, meridianos, continentes, oceanos. Antes disso, na sala de aula, a professora "levou" os alunos a uma "viagem" pelo sistema solar, saindo da escola e seguindo em escalas (Guará → DF → Região Centro-Oeste → Brasil → América do Sul → América → Planeta Terra → Sistema Solar → Tia Bactera). Tiramos os cartazes das paredes e os alunos não colaram.

- Por volta das 10h a escola recebeu a visita do Grupo de Teatro do SLV. Eles apresentaram um teatro de fantoches sobre preservação ambiental, lixo, e consciência ecológica.

- Após a apresentação, os alunos foram liberados para o recreio e, em seguida, fizeram a prova de geografia.

- Durante a revisão, a professora deu a resposta e algumas questões, mesmo assim, alguns alunos não perceberam.





ECOPOST

Guará, 29 de abril de 2011.

- 34 alunos

- Dia de prova de Matemática. A prof^a havia passado exercícios de revisão para casa. Ao iniciar a aula, ela fez a correção no quadro com as crianças. Antes da prova, decidiu-se que o cartaz com a tabuada não seria tirado da parede e que os alunos poderiam consultá-lo durante a prova.

// ————— //

Guará, 02 de maio de 2011

* 30 alunos

* Cheguei por volta das 8h20 e os alunos estavam terminando a prova de Português, iniciada na semana anterior, mas que ainda estava com a parte de ditado por fazer.

* A prof^a fez referência aos passeios que fariam no dia seguinte. Disse ter pesquisado na internet sobre a exposição do Palácio do Planalto e trouxe alguns nomes das artistas cujas obras estão no acervo que serão. Pediu que os alunos pesquisassem em casa.

- A prof^a Luis voltou.

- Rosane entregou aos alunos a prova de matemática, que foi iniciada na sexta-feira, para que fosse terminada. Bruno, Leuna, Vitória, Gabriel, Kelvin estavam com muita dificuldade, então foram terminar na sala dos professores, com a Rosane.

www.ecoleg.coppeis.com.br





Enquanto isso, Coz trabalhou com os alunos as letras das músicas "Como é grande o meu amor por você" (de Roberto Carlos); "de repente" (de Alberto de Maltos - xuxa) e "Pai nosso da mamãe". A canção de Roberto Carlos foi cantada com a turma, depois de lida. O Pai Nosso da mamãe foi cantado pelo Malysson, que disse conhecer a melodia.

A intenção era fazer com que as músicas servissem de inspiração para os alunos escreverem uma mensagem p/ suas mães, pelo dia das mães, que se aproxima.

Na sexta-feira, a profª não havia passado tarefa de casa. Disseu que os alunos pegassem livros na biblioteca. Hoje, os alunos devolveram o que pegaram na sexta e puderam pegar outros.

Guara, 04 de maio de 2011.

* 34 alunos

Cheguei por volta das 8h e os alunos haviam se reunido as provas e/ou notas, devendo organizá-las.

Em seguida, a profª retomou com os alunos o passeio que fizeram no dia anterior, a exposição do Palácio do Planalto. Recordaram o Abapuru; A mulher e sua sombra; a bandeira feita com roupas de mendigo, dentre outras obras. A partir das obras lembradas, a profª ia explorando a interpretação, a história dos artistas e das obras.

Na 2ªf, quando estavam produzindo a mensagem para as mães, a Giovana começou uma

www.ecooleadapais.com.br





ECOPOST

mensagem de autoria própria, complementando-a com a letra de uma música.

- A prof. trouxe um CD com as canções "Ele repente" e "Pai Nosso da Mamãe", para treinar com as crianças p/ o dia das mães.

- Letícia trouxe uma música sobre as mães e, a pedido da prof., cantou p/ a turma.

- No quadro, a prof. escreveu uma passagem bíblica (João, 10:11) trazida pela Letícia.

- Em seguida, realizou um ditado de revisão. Os alunos que se saíram mal ou não haviam feito ditado da prova tiveram a chance de refazer-lo.

- A prof., perguntada por uma aluna sobre sua religião, disse que toda a família de sua mãe é católica e toda a família de seu pai é evangélica, e que ela, por isso, não pertencia a nenhuma religião, mas a Cristo.

- A prof. é casada e tem 2 filhos: um homem de 27 anos, que é policial; e uma mulher de 26. Outro dia ela mencionou que se esforçou para dar uma educação de qualidade, ensinando-o, inclusive, piano, mas que, no fim, ele acabou se tornando policial.

- Alguns alunos ficaram sem recreio para fazer a prova e terminar a mensagem p/ as mães.

- Após o recreio, teriam aula de informática, mas foi adiada devido à falta de internet, segundo a prof. Neste momento, chegou à sala uma técnica da Dec. de Daúde para fazer exame de

www.ecologicapapeis.com.br





vista nos alunos.

- Decidiu-se que, em vez de terem aula de informática, assistiriam a um vídeo sobre o sistema circulatório. Para isso, a profª de informática foi chamada à sala p/ conectar o PC à TV.

- Enquanto isso a profª fazia a correção, no quadro, do ditado realizado.

- A profª Rosane e a de informática saíram da sala p/ uma reunião com a profª diretora. Fiquei na sala, com os alunos ouvindo/ouvindo a música das mães.

- Ao voltarem, as professoras apresentaram: um vídeo sobre o sistema circulatório (que estava todo em inglês; com legendas em português, mas muito pequenas; narrativa rápida e complexa demais para a faixa etária dos alunos); e outro sobre o sistema respiratório (mais interessante que o primeiro, era narrado em português, apresentava exemplos cotidianos - pessoas se exercitando, solugando - imagens diversas, o que conseguiu prender a atenção dos alunos).

- Os vídeos teriam sido baixados pela profª de informática a pedido da profª Rosane. Com isso, os vídeos selecionados acabaram sendo impróprios, pegando a profª de surpresa (o que revelou despreparo) e exigindo o imprevisto.



Guará, 6 de maio de 2011.



ECOPOST

* 32 alunos

- No primeiro tempo da aula, os alunos se ocuparam com a confecção dos cartões para as mães. Pouco antes do recreio a professora precisou sair p/ buscar as lembrancinhas na loja. Fiquei c/ os alunos em sala, conferindo os cartões. De sairia p/ o recreio quem terminasse o cartão. Para manter a ordem e a disciplina tive que alterar a voz e bater no quadro. Também pedi para a Geovana anotar no quadro o nome de quem não estava se comportando. Assim, Jordânio, Thiago e Alkai perderam parte do recreio.

- De volta à sala, a prof.^a entregou as lembrancinhas p/ serem anexadas aos cartões, colocados em um envelope plástico e etiquetados.

- Em seguida, a prof.^a distribuiu um texto sobre Esopo; Les Fontaine, e três fábulas desse último autor: "O Leão e o Ratinho"; "A Raposa e as Uvas"; e "O Carvalho e o Jenco". A prof.^a trabalhou a moral das fábulas, contextualizando a fatos daquele dia. (A Miksely tirou a saia e calcinha de beirissa durante o recreio).

Guará, 09 de maio de 2011.

- 32 alunos

A prof.^a Rosane estava de absence e não veio.

- Cheguei por volta das 8h e uma funcionária da secretaria havia deixado alguns exercícios do livro de Matemática p/ serem feitos (1a 4 da pág. 63) e corrigidos (2 e 3 da pág. 65)

www.ecoblog.org.br





- A profª Luis chegou por volta das 8h45 e deu continuidade. Antes, eu é quem estava orientando os alunos.

- Tivemos de deixar alguns alunos sem recreio por não terem concluído a tarefa, tais como: Ingrid, Mikaelly, Ulalysson, Vitória, Mariah, Thiago, etc.

- Na volta do recreio, Luis corrigiu os exercícios no quadro, chamando alguns alunos à frente.

- Ulalysson não fez as atividades nem copiou do quadro as respostas. Mikaelly e Vitória também não.



Guará, 13 de maio de 2011.

* 28 alunos

* Hoje é dia de reunião com os pais, a partir das 10h30. Por isso, acredito, muitos alunos faltaram.

- Os alunos se ocuparam, no primeiro tempo da aula, com a transcrição de um texto que produziram no início do semestre, sobre a visita que fizeram ao circo.

- Alguns alunos, como o José Alysso, Thiago e Ulalysson estavam com uma observação ("Salar com a professora") no texto por terem escrito trechos incompreensíveis. Eu ajudei o José Alysso e o Ulalysson a reescrever.

- No início da reunião, os alunos apresentaram a música que haviam ensaiado para o dia das mães.

- Foi abordado na reunião: passeios e passeios de encerramento (Bay Park), acompanhamento das

www.ecologiaopapeis.com.br





ECOPOST

atividades e das agendas diariamente; festa junina e gincana;

Guará, 17 de maio de 2011.

* 33 alunos

- A aula teve início com uma dinâmica sobre o sistema digestório. A prof^a colocou sobre a mesa placas contendo os nomes dos órgãos que constituem o sistema (boca, faringe, ^{esôfago}estômago, intestino delgado, intestino grosso e ânus). Chamou a Expedita à frente para simular a 1^a etapa da digestão (a mastigação). Para isso, trituraram um pedaço de papel higiênico, misturando-o com água (representando a saliva). Em seguida, o "bolo alimentar" formado passou pela faringe e chegou ao estômago. De lá, passou pelos órgãos seguintes até chegar ao ânus e ser despejado no "vaso" (representado por uma lixeira).

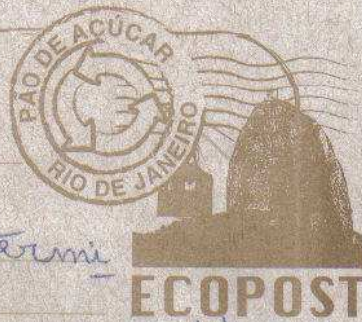
- Os alunos mantiveram a atenção na professora e respondiam à medida em que eram perguntados. A atividade pareceu proveitosa e eficiente.

- Em seguida, a prof^a aplicou um questionário sobre o assunto que poderia ser respondido consultando-se o caderno.

- Enquanto respondiam, chegou à classe o PM do Prourd, que trabalhou a temática "violência".

www.ecologiaepapel.com.br





- Não saiu p/ o recreio quem conseguiu termi-
nar a atividade.

Após o recreio, ~~foam~~ foram corrigidas as atividades.
- Ilado início à aula de História, sobre a e-
poca do "Descobrimento" do Brasil, a prof^a dis-
tribuiu um texto em quadrinhos. A leitura foi fei-
ta em voz alta. Em seguida, cada aluno leu
individualmente.

Guará, 19 de maio de 2011.

* 34 alunos

- Aula teve início com a correção da tarefa de
História.

- A prof^a pediu para eu receber o dinheiro dos alu-
nos que iam ao passeio no zoológico e regis-
trar no caderno.

- Eu fiquei só até o horário do recreio neste dia, pq
precisei resolver alguns assuntos pessoais, e para
conseguir ir ao zoológico com a turma no dia
seguinte.

Guará, 20 de maio de 2011.

* 31 alunos foram ao zoo: 20 meninas + 11 meninos
(foi o passeio mais badalado - de maior quorum
- até o momento).



Guará, 25 de maio de 2011.

* 34 alunos

* Quando cheguei, a profª fazia revisão sobre "Adjetivos". Ela pediu que os alunos me adjetivassem e, a partir de que iam dizendo, ia corrigindo-os: "isso é adjetivo?", "Isso é um substantivo"... E quando os alunos diziam substantivos, a profª pedia que eles os adjetivassem também.

* Antes de escrever o conceito de "adjetivos" no quadro e passar atividades, a profª, como de costume, escreveu uma passagem bíblica, interpretando-a com a participação colaborativa dos alunos. (Provérbios 21:3)

* Antes de corrigir os exercícios sobre adjetivos, a profª pediu que os alunos lessem o que haviam escrito no caderno, para "corrigir" o que fosse necessário.

→ Após o recreio os alunos foram p/a sala de informática. A profª de informática apresentou um site (www.sticaeducacional.com.br/htdocs/atividades) onde poderiam jogar atividades referentes os sistemas circulatório, respiratório, digestivo, além de resolver questões de matemática.

→ Os alunos ficaram na sala de informática por aproximadamente, 1h 15.

→ Ele volta à sala, a profª passou tarefa de casa no quadro. Foi distribuído um informativo, e anotada a agenda.

www.ecologicaapes.com.br





→ Devido à greve dos funcionários da limpeza, a diretora é quem estará lavando os banheiros. Por isso, nos próximos dias, enquanto durar a greve, os alunos não são liberados ~~ao meio de~~ às 10 horas.

Guará, 01 de junho de 2011.

* 33 alunos

- Quando cheguei, às 7h50, estavam todos agitados com o sumiço do celular da Nicolly, que o havia deixado no chão, antes de ir em p/a sala, enquanto brincava. A vice-diretora e a Rutilene foram de sala em sala dizendo que esperariam o aluno se entregar. Caso contrário, rebotariam a fita das câmeras de segurança da escola para descobrir quem furtou o celular e, neste caso, seriam obrigadas a registrar ocorrência na delegacia.

Por volta das 8h40, deu-se início a aula de Geografia.

- A profª revisou os conceitos de hemisférios, trópicos, meridianos, e seguiu p/o estudo da localização do Brasil na América (pág. 56)

Enquanto estudaram os 10 maiores países do mundo, pediu que os alunos fossem apontando os países mencionados.

* O provérbio do dia tinha tudo a ver c/o caso do celular da Nicolly: "De confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo p/nos perdoar."

(1 João 1:9)



ECOPOST

- Poucos minutos depois, o celular da Nicolly foi encontrado. Um menino da outra turma havia chutado o aparelho por de baixo de uma porta, com o intuito de pegá-lo depois para ele. Com medo das advertências da Rutilene, acabou relatando o fato, mas acusando terceiros.

Guará, 06 de junho de 2011.

* 32 alunos

- Quando cheguei, por volta das 7h45, a prof^a estava ensaiando com os alunos a música da apresentação na formatura do Proerd.
- Uma nova prof^a, a Patrícia, substituiu a Cristiane nas segundas-feira.
- Corrigiu-se a tarefa de Geografia. Rosane tinha iniciado. Patrícia deu continuidade. Alguns alunos, no entanto, não tinham feito a tarefa nem queriam copiar as respostas do quadro. (Vitória, Jordânio, Chiago, Lúvia, Aukai, Kelvin)





Guará, 17 de junho de 2011.

* 33 alunos

- Quando cheguei, às 7h45, os alunos estavam começando a fazer a prova de Português. A profª descobriu, no entanto, que faltava uma das páginas e, então, pediu que os alunos pulassem as questões referentes à pág. que faltava. Não saíram para o recreio os que terminaram a prova.

- Após o recreio, deu-se início à aula de Matemática. O conteúdo trabalhado foi "frações". Antes de corrigir a tarefa de casa, a profª voltou a explicar o conteúdo. Utilizando-se de chocolates "Bis" a profª chamava alguns alunos p/ representar $\frac{1}{3}$ e os chocolates e no quadro, por meio de desenhos, as frações propostas.

Ex: $\frac{1}{3}$ de 12, $\frac{2}{3}$ de 18; $\frac{3}{3}$ de 18

$\frac{1}{3}$ de 12:

4	4	4
---	---	---

$\frac{2}{3}$ de 18:

6	6	6
---	---	---

$\frac{3}{3}$ de 18:

6	6	6
---	---	---

Guará, 22 de junho de 2011.

* 32 alunos

→ Quando cheguei, por volta das 7h50, os alunos estavam terminando a prova de matemática e também a de geografia, iniciadas nos dias anteriores.





Guará, 29 de junho de 2011.

* 33 alunos

- Quando cheguei, alguns alunos estavam fazendo prova, pois haviam faltado no dia em que elas foram aplicadas.
- Kehim foi fazer a prova de história e geografia na sala dos professores. A prof^ª pediu que eu fosse até lá auxiliá-lo.
- Quando voltei, a prof^ª estava fazendo, no quadro, a correção da prova de ciências, na qual abordou-se, entre outros, os temas: sistema excretor, sistema urinário, sistema digestório. Para facilitar a explicação, a professora utilizou cartazes com o mapeamento desses sistemas.
- Em seguida, realizou-se a correção da prova de Português. Na parte de interpretação de texto, pediu que os meninos lessem a fala de determinado personagem, enquanto as meninas leriam o de outro, como forma de facilitar o entendimento de que, para descrever um diálogo não é necessário deixar sempre na forma direta.
- A prof^ª disse aos alunos que a prova de matemática será refeita.
- Após a correção, a prof^ª pediu que os alunos escrevessem uma frase, verso ou poesia sobre o que a leitura representava para eles. A melhor frase seria usada para ilustrar a pasta de atividades que os alunos receberão ao final do ano.

www.ecologiaadadea.com.br